

ENTREVISTA

Com fila de espera de quase três centenas de empresas interessadas em montar fábricas na cidade, o prefeito de Aparecida de Goiânia, Gustavo Mendanha, fala da expectativa de investimentos ao redor de R\$ 400 milhões este ano



ESCOLA SESI

'Dever de casa': alunos reduzem conta de água em até 70%

CONJUNTURA

Agora vai? Projeções de leve melhora na economia

**Mala Direta
Básica**

9912352020/2014-DR/GO

FIEG



PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> MUDOU-SE | <input type="checkbox"/> FALECIDO |
| <input type="checkbox"/> DESCONHECIDO | <input type="checkbox"/> AUSENTE |
| <input type="checkbox"/> RECUSADA | <input type="checkbox"/> NÃO PROCURADO |
| <input type="checkbox"/> NÃO EXISTE O NÚMERO INDICADO | <input type="checkbox"/> END. INSUFICIENTE |

Goiás Industrial

ANO 68 / N.º 292 / FEVEREIRO 2020

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



MODA GANHA IMPULSO COM GOIÁS FASHION BUREAU

Idealizado pela Fieg, movimento articula segmentos das indústrias de produtos têxteis, confecções, artigos do vestuário, fabricação de couros, artefatos de couro, artigos para viagens, calçados e cosméticos, com visão estratégica para potencializar o polo de moda goiano



Federação das Indústrias do Estado de Goiás
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



EAD SESI SENAI

A formação a distância que te aproxima do mercado de trabalho.

senaigoias.com.br/ead

SESI SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO

MODA GANHA IMPULSO COM GOIÁS FASHION BUREAU



Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Nº 292 / FEVEREIRO 2020

Capa / GFB, a nova grife da indústria da moda goiana

18 / O Goiás Fashion Bureau, um de três grandes projetos idealizados pela Fieg, sai do papel em pouco mais de um ano e é aposta para aglutinar atores dos segmentos das indústrias de produtos têxteis, confecções, artigos do vestuário, fabricação de couros, artefatos de couro, artigos para viagens, calçados e cosméticos, com visão estratégica para potencializar o polo de moda goiano.

OPINIÃO

5 **Queda na produção industrial, água no chope** - Em meio a expectativas de retomada da economia, o presidente da Fieg, Sandro Mabel, cobra políticas que incentivem a produção industrial, os negócios, cujo desempenho depende de um ambiente mais amistoso para o empresário industrial.

6 **Caminhos para melhorar a educação** - Diretor de Educação e Tecnologia do Sesi e Senai em Goiás, o professor João Ricardo Santa Rosa anuncia a implementação, este ano, de dez programas estruturantes voltados à melhoria contínua da qualidade dos processos educacionais, apontados por ele bons exemplos de como enfrentar o problema crônico da má qualidade da educação básica do País, que dificulta a qualificação de mão de obra.

7 **EaD Sesi e Senai, o ensino a distância que faz diferença** - Diante do desafio das empresas de encontrar profissionais qualificados no mercado, a Educação a Distância é uma alternativa eficiente e cada vez mais utilizada, segundo Raquelina da Silva Dias Ferreira, supervisora do Núcleo Integrado de Educação a Distância do Sesi e Senai.

8 **A LGPD e a necessidade imediata de adequação das empresas** - Quando agosto chegar, tudo vai ser diferente com a entrada em vigor integralmente da chamada Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, alertam Dyogo Crosara e Artur Henrique Bahia, sócios do escritório Crosara Advogados.

9 **Startups goianas em ascensão** - Com boas ideias e pouco investimento inicial, um simples negócio pode se transformar em uma grande marca, ensina Marcos Bernardo Campos, administrador especialista em venture capital e startups e vice-presidente do CDTI/Fieg, que aponta obstáculos na falta da cultura da inovação e informação.

ENTREVISTA

10 / Prefeito Gustavo Mendanha, o esportista que foi aluno, estagiário e professor no Sesi, comenta a expectativa de investimentos de R\$ 400 milhões este ano em Aparecida de Goiânia, que vive boom de crescimento, com fila de espera de quase três centenas de empresas interessadas em montar fábricas ali.

Rodrigo Estrela



CONJUNTURA

26 / Expectativa e desejo criados a cada início de ano, a possibilidade de uma melhora leve na economia parece ser consenso entre analistas e economistas, escaldados com o desempenho observado nos anos de 2017, 2018 e 2019.

ROBÓTICA

44 / Como e onde nascem os campeões de robótica é o que mostra reportagem especial sobre os bastidores das escolas Sesi, onde estudantes trocam as férias escolares por verdadeiro mergulho na preparação rumo a mais um torneio nacional, dias 7 e 8 de março, de olho em passaporte para competições internacionais.



Alex Malheiros

AUTOMAÇÃO

48 / Aniversariante de março, quando chega a meio século de atuação em Goiás, o IEL comemora também o primeiro aniversário de seu mais novo produto, em que igualmente já é referência no Estado, a exemplo do encaminhamento para estágio: a aplicação de robôs para execução de processos - Robotic Process Automation (RPA).

Alex Malheiros



ÁGUA NA MEDIDA CERTA

51 / Já imaginou chegar ao fim do mês com economia superior a 70% na conta de água? Foi o que conseguiram estudantes do ensino fundamental e médio de escolas do Sesi Goiás e seus familiares, durante o 2º Concurso Água na Medida Certa - Prêmio Ideias Inovadoras Sustentáveis, que mobilizou unidades escolares durante quase um ano.

PROCOMPI

58 / Encerrando mais um ciclo, o Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), desenvolvido em parceria entre Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fieg e Sebrae Goiás, qualifica 64 empresas de panificação, refinas e alimentação, com foco no aumento da competitividade.

MILHO PARA O MUNDO

54 / Com suporte de consultoria do Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, a Milhão Ingredients fabrica em Goianira produtos de qualidade certificada, atestada por selos reconhecidos, e comercializa para multinacionais de mais de 50 países.





Federação das Indústrias do Estado de Goiás

SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Sandro Mabel
Superintendente: João Carlos Gouveia

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Sandro Mabel
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Presidente do Conselho Regional: Sandro Mabel
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretora: Sônia Rezende (interina)
Superintendente: Almir Blesio (interino)

DIRETORIA DA FIEG (2019-2022)

Presidente: Sandro Mabel

1º Vice Presidente: André Luiz B. Lins Rocha

2º Vice Presidente: Flávio Santana Rassi

3º Vice Presidente: Antônio de Sousa Almeida

1º Diretor Secretário: Célio Eustáquio de Moura

2º Diretor Secretário: Jerry Alexandre de Oliveira Paula

1º Diretor Financeiro: Heribaldo Egídio da Silva

2º Diretor Financeiro: José Divino Arruda

Presidente da Fieg Regional Anápolis: Wilson de Oliveira

Diretores

Alyson José Nogueira

Anastácios Apostolos Dagios
Bruno Franco Beraldi
Domingos Sávio Gomes de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Bilemjian Filho
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Enoque Pimentel do Nascimento
Gilberto Martins da Costa
Heitor de Oliveira Nato Neto
Hélio Naves
Jair José de Alcântara
Jair Rizzi
Jaques Jamil Silvério
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
José Antônio Vitti
José Luiz Martins Abuli
Laerte Simão
Leandro Luiz Stival Ferreira
Marcelo de Freitas Barbosa
Marcos André Rodrigues de Siqueira
Olavo Martins Barros
Otávio Lage de Siqueira Filho
Robson Peixoto Braga
Sérgio Scodro
Wilson de Oliveira

Conselho fiscal

Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
Roberto Elias Fernandes
Otávio Lage de Siqueira Filho

Conselho de representantes junto à CNI

Sandro Mabel
Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alcides Augusto da Fonseca
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Alyson José Nogueira
Anastácios Apostolos Dagios
André Lavor Pagels Barbosa
André Luiz Baptista Lins Rocha
Antônio Alves de Deus
Antônio Benedito dos Santos
Bruno Franco Beraldi Coelho
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana

Célio Eustáquio de Moura
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Bilemjian Filho
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Enoque Pimentel do Nascimento
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Santana Rassi
Gilberto Martins da Costa
Heitor de Oliveira Nato Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Ian Moreira Silva
Jaime Canedo
Jair José de Alcântara
Jair Rizzi
Jaques Jamil Silvério
Jerônimo David de Sousa
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
João Essado
José Antônio Vitti
José Carlos Garrote de Sousa
José Divino Arruda
José Lima Aleixo
José Luiz Martin Abuli
José Nivaldo de Oliveira
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Lúcio Monteiro dos Santos
Luiz Antônio Gonçalves Fidelis
Luiz Gonzaga de Almeida
Luzia de Cássia Alencar Siqueira
Marcelo de Freitas Barbosa
Marcelo José Carneiro
Marcos André R. de Siqueira
Marley Antônio Rocha
Olavo Martins Barros
Osnei Valadão Marques
Otávio Lage de Siqueira Filho
Paulo Lobo de Araújo Júnior
Pedro de Souza Cunha Júnior
Plínio Boechat Lopes
Robson Peixoto Braga
Rodolfo Luiz Xavier Virgílio
Sandro Mabel
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
Presidente: Heribaldo Egídio

Conselho Temático de Meio Ambiente
Presidente: Bruno Beraldi

Conselho Temático de Infraestrutura
Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho
Presidente: Marley Antônio da Rocha

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa
Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Responsabilidade Social
Presidente: Antônio de Sousa Almeida

Conselho Temático de Agronegócios
Presidente: Alfredo Luiz Correia

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais
Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem
Presidente: Thais Aparecida Santos

Câmara Setorial de Mineração
Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção
Presidente: Sarkis Nabi Curi

Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa)
Presidente: André Lavor P. Barbosa

Rede Metrológica
Presidente: Melquiades da Cunha Neto

Comitê da Indústria de Defesa e Segurança de Goiás (Comdefesa)
Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

Câmara Setorial da Moda
Presidente: José Divino Arruda

EXPEDIENTE

Goias Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção e Coordenação de jornalismo
Sandra Persijn

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Lima, Sérgio Lessa, Daniela Ribeiro, Luciana Amorim, Tatiana Reis e Renata Santos

Colaboração
Januária Guedes Cordeiro

Fotografia
Alex Malheiros

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações e diagramação
Jorge Del Bianco

DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão
Gráfica Kelps

Departamento Comercial
(62) 3219-1710

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975

Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: ascorn@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista



Queda na produção industrial, água no chope



“Os números evidenciam a necessidade imperiosa de políticas que incentivem a produção industrial, os negócios, cujo desempenho depende de um ambiente mais amistoso para o empresário industrial. Essa é nossa expectativa para 2020, quando esperamos que os novos investimentos saiam do campo dos protocolos de intenção assinados com o governo do Estado, de fato se concretizando e gerando riquezas, empregos diretos e indiretos para os goianos.”

SANDRO MABEL, presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai

A divulgação pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), no início de fevereiro, de queda na produção industrial de 2019, depois de dois anos consecutivos de alta, joga um pouco de água no chope do setor produtivo, diante das expectativas para 2020 de retomada da economia.

O resultado, de clara desaceleração, é atribuído a fatores como a tragédia de Brumadinho, de forte impacto na atividade extrativa mineral; a crise na Argentina, nossa grande compradora de produtos industrializados; o desemprego ainda em alta, freando o consumo das famílias.

No entanto, os números evidenciam a necessidade imperiosa de políticas que incentivem a produção industrial, os negócios, cujo desempenho depende de um ambiente mais amistoso para o empresário industrial. Essa é nossa expectativa para 2020, quando esperamos que os novos investimentos saiam do campo dos protocolos de intenção assinados com o governo do Estado, de fato se concretizando e gerando riquezas, empregos diretos e indiretos para os goianos. Na contramão, é preocupante notícia de que Goiás é o terceiro Estado com maior queda de investimentos públicos, comparando-se a verba aplicada em 2019 e 2015, anos iniciais do atual governo e da última gestão, respec-

tivamente. De acordo com dados do Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro (Siconfi), da Secretaria do Tesouro Nacional (STN), o Estado utilizou pouco mais de R\$ 1 bilhão em melhorias em 2015. No ano passado, foram R\$ 359,6 milhões, ou valor 65% menor.

Não vamos nos cansar de defender os incentivos fiscais como instrumento eficaz para alavancagem da economia, como mostra o avanço recente da industrialização goiana. Tampouco desistiremos da busca de um ambiente de negócios favorável aos empreendimentos, marcado por segurança jurídica.

Nesse contexto, preocupamos a falta de disposição para diálogo com o setor produtivo que predomina na administração estadual, sobretudo na Secretaria da Economia, cujo foco visa tão-somente o aumento da arrecadação, pela característica, pelo *modus operandi* da titular da Pasta, invariavelmente com decisões unilaterais. Por analogia, lembremos a fábula do escorpião e do sapo, cuja picada do primeiro, por sua característica, leva ambos a se afogar na travessia do rio. Prova disso é o preocupante rompimento com a secretária Cristiane Schmidt, anunciado pelos auditores fiscais do Estado, até então alinhados com suas posições.

Além de incentivos fiscais, **Goiás In-**

dustrial aborda, nesta edição, temas como educação básica e educação profissional, expertises do Sesi e Senai, mostrando sua importância em um cenário de perspectiva de retomada da economia e diante da necessidade de potencializar nossas ações de qualificação para suprimir eventual demanda por profissionais.

Não por acaso, o Mapa do Trabalho Industrial aponta que, em Goiás, será preciso qualificar quase 323 mil trabalhadores até 2023. Em 2019, o Senai efetivou no Estado mais de 130 mil matrículas em diversos cursos, número que deverá ser ampliado este ano com mais investimentos nas unidades escolares. Uma estratégia será a Educação a Distância (EaD), meio pelo qual o Senai e o Sesi planejam oferecer este ano mais de 350 cursos em diversas áreas.

O aumento dos investimentos contemplará igualmente o fortalecimento da educação básica nas escolas do Sesi, sobretudo na área de robótica, que exhibe ao mundo experiências vitoriosas de nossos alunos, a exemplo do famoso chiclete com pimenta criado para amenizar transtornos alimentares dos astronautas em viagens espaciais.

Alvo de outra reportagem, o lançamento do Goiás Fashion Bureau materializa um de nossos principais projetos. ■

Caminhos do Sesi e Senai para melhorar a educação

O início de um novo ano enseja sempre previsões, geralmente otimistas, do que esperar em vários segmentos da vida brasileira. Não diferentemente de outros setores, os diagnósticos da educação brasileira são bastante conhecidos e as propostas de ação também.

Lamentavelmente, os resultados têm ficado muito aquém das realidades prometidas no que concerne à melhoria da nossa educação. Temos muito discurso e pouca ação efetiva.

Em 1990, ao concluir o nosso mestrado na Faculdade de Educação da USP, lembro da análise que fizemos a respeito da educação brasileira à época. Citamos o primeiro parágrafo da nossa dissertação:

“O sistema educacional brasileiro está eivado de problemas. A afirmativa não constituirá surpresa, até mesmo para os que não atuam no setor.”

Com constatação fundamentada em diagnósticos efetuados desde a década de 1950, cobrindo então período de 40 anos, a resenha comentava análises de 12 autores, de inúmeras instituições, nacionais e internacionais, além, é claro, de dados do próprio Ministério da Educação. Um estudo abrangente, na medida em que considerou todos os níveis do ensino, da pré-escola

à pós-graduação, no sistema público ou privado, na região mais pobre ou mais rica de qualquer dos Estados brasileiros.

Em síntese, de que problemas estávamos falando? Elevadas taxas de evasão escolar, de repetência e de analfabetismo, incluindo o funcional e o tecnológico; carência de pessoal docente qualificado; inadequada metodologia de ensino, centrada na exposição; curta duração dos períodos de aulas; falta de preparação do corpo docente; deficiência dos livros didáticos; custos elevados do ensino superior em relação ao fundamental; precárias condições de trabalho para os alunos e professores; baixas taxas de escolarização; falta de atratividade / valorização da carreira docente; inadequada gestão do sistema educacional.

Publicados no fim do ano passado, os últimos resultados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) mostram que, apesar de todo o discurso e de todo o empenho, efetivamente, poucos resultados estão sendo obtidos para sanar os graves problemas educacionais enfrentados pelo Brasil. A pesquisa, divulgada a cada três anos pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), avalia a habilidade de alunos de 15 anos em relação à leitura, ciência e matemática. Um breve resumo:

68,1% dos estudantes brasileiros estão no pior nível de proficiência em matemática e não possuem o nível básico (o Brasil passou da 65ª para a 70ª posição); 55% não atingiram o nível básico em ciências e nenhum aluno conseguiu chegar ao topo da proficiência; 50% não atingiram o nível mínimo de proficiência que devem adquirir até o final do ensino médio em leitura e compreensão de textos; Os casos de bullying (29% de relatos), indisciplina (41%), solidão (23%), permanente tristeza (13%) dentro das escolas brasileiras estão em níveis percentuais acima da média internacional.

Entendemos que um dos bons exemplos de como enfrentar esses desafios em 2020 está na atuação do Sesi e Senai. Ano após ano, década após década, essas instituições do sistema indústria são exemplos de eficiência e eficácia na formação dos jovens brasileiros. ■

“*No caso específico de Goiás, a sociedade, a indústria e os trabalhadores podem ter certeza da continuidade das ações que têm transformado a vida de milhares de nossos jovens. O Sesi e o Senai de Goiás implementarão, em 2020, dez programas estruturantes totalmente voltados à melhoria contínua da qualidade de seus processos educacionais.*”



JOÃO RICARDO SANTA ROSA, professor, é diretor de Educação e Tecnologia do Sesi e Senai em Goiás

Leia o artigo na íntegra no site do Senai



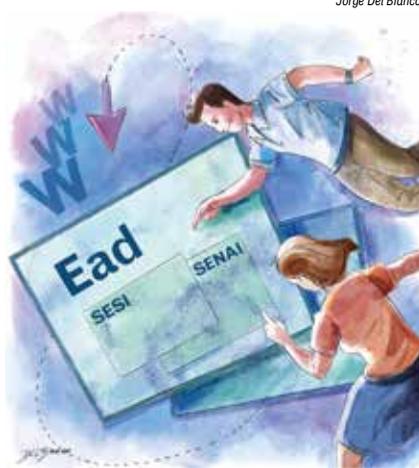
EaD Sesi e Senai, o ensino a distância que faz diferença

O Sesi e o Senai Goiás procuram sempre atuar em consonância com as transformações políticas e econômicas que ocorrem no Estado e no País. Em meio à crescente demanda do mundo do trabalho e das indústrias goianas por mão de obra e por qualificação à altura das novas habilidades exigidas nos perfis profissionais, as instituições do Sistema Fieg integraram suas ações de Educação a Distância (EaD), a exemplo de diversas outras áreas de suas expertises.

Meio de educação que se efetiva pelo uso acentuado de tecnologias de informação e comunicação, a EaD é cada vez mais utilizada pelas instituições de ensino. Com a flexibilização da regulamentação de cursos a distância por meio da Portaria Normativa nº. 11, de 21 de julho de 2017, do Ministério da Educação (MEC), tornou-se possível a oferta de educação a distância sem a contrapartida presencial, o que facilitou a criação de polos, ao mesmo tempo em que eles deixaram de ser obrigatórios nos cursos regulamentados.

Nesse sentido, o Sesi e o Senai investem na qualidade de todas as etapas dessa forma de educação, proporcionando um atendimento individualizado aos alunos desde a matrícula até a certificação.

Em 2020, o Sesi e o Senai oferecerão,



Jorge Del Bianco

no mínimo, 355 cursos via EaD, nas áreas de alimentos e bebidas, automação e mecatrônica industrial, automotiva, construção civil, elétrica e eletroeletrônica, gestão, logística, metalmecânica, meio ambiente, refrigeração e climatização, tecnologia da informação e telecomunicações. Novos cursos de graduação e pós-graduação estão em fase de produção para oferta em EaD ainda em 2020.

Nosso portfólio conta com 18 cursos nas modalidades de iniciação profissional, 63 de qualificação profissional, 31 de aperfeiçoamento profissional, 22 de habilitação técnica e 221 cursos de educação continuada. O diferencial dos cursos de EaD do Sesi e do Senai é o atendimento

“O diferencial dos cursos de EaD do Sesi e do Senai é o atendimento personalizado aos alunos e a qualidade do ensino, voltada a contribuir para o desenvolvimento pessoal e educacional, proporcionando aos participantes aquisição de novas competências para a vida e para o trabalho.”



RAQUELINE DA SILVA DIAS FERREIRA, assessora técnica, supervisora do Núcleo Integrado de Educação a Distância (NIEaD) do Sesi e Senai

personalizado aos alunos e a qualidade do ensino, voltada a contribuir para o desenvolvimento pessoal e educacional, proporcionando aos participantes aquisição de novas competências para a vida e para o trabalho.

As Escolas Sesi Senai Goiás dispõem de excelente estrutura física, com laboratórios modernos e profissionais capacitados para que possam atender aos alunos nas aulas presenciais, proporcionando momentos de integração e verificação da aprendizagem de forma dinâmica por meio da implementação da metodologia Senai de Educação Profissional.

A EaD proporciona aos alunos a oportunidade de estudar quando puderem e onde estiverem acessando uma plataforma digital com um ambiente virtual de aprendizagem moderno, com recursos que facilitam aprendizagem, atendimento individualizado e materiais de apoio de qualidade, que vão desde simuladores até materiais para impressão. Tutores e monitores acompanham o dia a dia tirando dúvidas e motivando cada passo. ■

Accesse nosso site e conheça os 355 cursos a serem ofertados em 2020 na modalidade Educação a Distância: <https://www.senaigo.com.br/ead>



A lei geral de proteção de dados e a necessidade imediata de adequação das empresas

“É de suma importância que o projeto de implementação envolva a companhia como um todo, desde o alto escalão corporativo (diretores, executivos, presidente, CEO) até os demais segmentos hierárquicos, sendo altamente recomendável a realização de treinamentos para a apresentação e habituação da nova política aos colaboradores.”



DYOGO CROSARA E ARTUR HENRIQUE BAHIA, sócios do escritório Crosara Advogados, de Goiânia

No Brasil, a proteção de dados pessoais tem um novo e importante capítulo: A Lei 13.709/2018, também chamada de Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), que foi sancionada em 2018 e entrará integralmente em vigor a partir de agosto.

A nova lei, sucessora do marco civil da internet (2014), surge para regularizar o tratamento dos dados pessoais e instruir as empresas e demais organizações, pessoas jurídicas de direito público inclusive, sobre quando e como elas poderão tratar esses dados, seja na coleta, armazenamento, reprodução, avaliação, controle, modificação, transmissão, entre outros.

Os empresários goianos estão realmente preparados, no sentido de promoverem as adequações necessárias para atenderem à LGPD, antes do início de sua vigência integral?

Se adequar à nova lei demandará mudanças significativas na estrutura organizacional das empresas. Por outro lado, o seu descumprimento pode levar a sanções que vão desde uma mera advertência até multas de R\$ 50 milhões por infração.

Diante desse cenário, recomendam-se algumas medidas imediatas ao empresário. O primeiro passo é compreender que dificilmente a sua empresa não estará

sujeita ao cumprimento da LGPD, que é abrangente e se aplica a toda pessoa física ou jurídica que trata dados pessoais (ainda que offline), razão pela qual não há como fugir dessa nova realidade.

Na prática, o início do processo de implementação consiste no mapeamento dos dados pessoais atualmente já tratados pela empresa. É necessário que sejam identificados os usuários, locais de armazenamento, o grau de acesso (compartilhamento) interno e externo desses dados, bem como o ciclo de vida dessas informações e os riscos a elas associados.

Daí então designar responsáveis diretos para identificar as principais áreas da empresa a serem influenciadas pela LGPD (RH, por exemplo), bem como para fiscalizar e acompanhar o cumprimento de um cronograma.

Outro importante passo é ter a tecnologia como instrumento de auxílio na gestão e governança de dados que será exigida pela LGPD. Aqui, importante contar com um programa de governança (software), para controlar e acompanhar a implantação dos padrões exigidos, o que pode ser otimizado via contratação de uma consultoria em cibersegurança.

Outrossim, garantir e organizar meios a fim de que os titulares dos direitos sobre

dados possam exercitá-los, bem como para correção de incidentes. Estruturar a área de implementação com a indicação de um encarregado pela proteção de dados (DPO – “Data Protection Officer”).

Em Goiás, contratar um DPO qualificado é um desafio. Além de segurança da informação, é necessário conhecimento sobre leis e práticas de proteção de dados, razão pela qual o trabalho desse profissional pode ser terceirizado para consultorias e escritórios de advocacia que atuam na área.

A tarefa não é fácil e restam apenas cinco meses para a adequação.

Daí, a assessoria jurídica é imprescindível para acompanhar esse processo de implementação, rever e analisar aspectos regulatórios, política de privacidade, bem como elaborar e/ou promover ajustes necessários nos contratos celebrados e/ou disponibilizados pela pessoa jurídica, inclusive, junto a terceiros (prestadores de serviço em geral, por exemplo), compatibilizando-os com os padrões exigidos pela LGPD. ■

Startups goianas em ascensão

Já é possível afirmar que nem só do agronegócio vive a economia goiana. Goiás é, hoje, o segundo Estado com maior número de startups no Centro-Oeste, com 25% do total, segundo a ABStartups – atrás somente do Distrito Federal. Considerada o principal ecossistema de inovação do Estado, Goiânia conta com cem startups e tem potencial para liderar o ranking.

Com o crescente avanço da tecnologia e com a valorização da informação, a inovação tem transformado o empreendedorismo local. Com boas ideias e pouco investimento inicial, um simples negócio pode se transformar em uma grande marca. Mas essa jornada ainda se esbarra na falta da cultura da inovação e na falta de informação.

Apenas dez dessas cem startups receberam investimentos anjos: cinco startups com investimentos Seed (aporte de até US\$ 2 milhões) e três startups entraram em fase de escala/Scale-ups (quando começa a agir como um motor de vendas) em estágio Séries A (investimentos de US\$ 2 milhões até US\$ 20 milhões) e B (mais de dezenas de milhões).

Por isso, é imprescindível fomentar a cultura de inovação assim como é importante a capacitação em empreendedorismo digital. Como ainda não existe

ampla literatura a respeito do tema, esse conhecimento tem sido conquistado em cursos, palestras e treinamentos com incubadoras, pré-aceleradoras, aceleradoras, academias de códigos, investidores e cases de sucesso.

Dessa forma, o startupeiro se insere no ecossistema de startups e consegue apoio de mentores no desafio de desenvolver empresas de tecnologia, desde a fase de ideação, validação, acesso, até a tração de mercado. Os eventos internacionais também oferecem essas condições, como o Web Summit Lisboa 2019, a maior conferência de tecnologia do mundo, que aconteceu em Portugal no início do mês.

“Com o crescente avanço da tecnologia e com a valorização da informação, a inovação tem transformado o empreendedorismo local. Com boas ideias e pouco investimento inicial, um simples negócio pode se transformar em uma grande marca. Mas essa jornada ainda se esbarra na falta da cultura da inovação e na falta de informação.”



MARCOS BERNARDO CAMPOS é administrador especialista em venture capital e startups e vice-presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI) da Fieg



Jorge Del Bianco

O ambiente é ideal para conhecer novos projetos, se inspirar e criar rede de relacionamento que promova a cultura da inovação. Goiânia já se insere na rota dos grandes eventos de tecnologia, a exemplo da Campus Party, que aconteceu em setembro deste ano. Mais recentemente, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) também foi responsável pela 3ª Mostra de Tecnologia para Negócios para promover interação entre empresas e universidades, dentro do programa Aliança pela Inovação em Goiás. Esses foram passos importantes para se fomentar a cultura da inovação e do empreendedorismo, que deve se instalar na terra do pequi. ■

■

“ Fizemos ainda um investimento maciço tanto em qualificação dos profissionais, como na melhora das condições de trabalho e da estrutura, desde a reforma das unidades até o investimento em robótica. Hoje, metade das escolas municipais tem a robótica ”

A portrait of a man with a beard and mustache, wearing a dark blue suit, white shirt, and red tie. He is smiling and has his arms crossed. The background is a plain, light-colored wall.

Aparecida engatilha investimento de R\$ 400,0 milhões

Num ritmo que supera o invejado crescimento chinês, sustenta o prefeito Gustavo Mendanha, Aparecida de Goiânia prepara-se para investir qualquer coisa ao redor de R\$ 400,0 milhões neste ano, especialmente em projetos nas áreas de infraestrutura, saúde, educação, urbanização e projetos sociais. Todos são destinados, na sua descrição, a melhorar a qualidade de vida da população e manter um ambiente favorável aos negócios e investimentos privados. Apenas a título de comparação, em todo o ano passado, o Estado chegou a investir apenas R\$ 325,37 milhões, sem considerar os investimentos contratados em exercícios anteriores, inscritos em restos a pagar e efetivamente pagos em 2019.

Uma fila de espera de quase três centenas de empresas interessadas em montar fábricas na cidade levou a prefeitura a estabelecer prioridades. Diante da exiguidade de espaços para receber todas, serão atendidas inicialmente aquelas com maior potencial para a geração de empregos e de impostos, além de empresas já instaladas que tenham planos para expandir sua operação.

Mas, diz Mendanha, a prefeitura continuará desenvolvendo esforços para abrigar mais e novas empresas, seja por meio da abertura de novos polos empresariais, seja por meio do estímulo à vinda de polos privados, atraídos sobretudo pela cessão de áreas públicas, pelos incentivos estaduais e pela consolidação de um ambiente economicamente amigável. Apenas o Guaraná Mineiro, lembra o prefeito, investirá em torno de R\$ 50,0 milhões para instalar uma de suas fábricas na cidade, cumprindo boa parte da expectativa da administração municipal em relação aos investimentos privados esperados para este ano.

Lauro Veiga Filho
Foto: Rodrigo Estrela

Goiás Industrial – Nesses primeiros três anos de seu mandato, quais foram os avanços a destacar e os principais desafios?

Gustavo Mendanha – Fizemos muita coisa em todo esse período, mas talvez as ações na área da saúde tenham sido as principais, incluindo a inauguração de unidades básicas de saúde, unidades de pronto atendimento, do hospital municipal, que é uma referência hoje não apenas para a população de Aparecida, mas de toda a região Centro-Oeste. Várias pessoas vêm de outros Estados para serem atendidas no hospital municipal. Quero relacionar igualmente os avanços que registramos no setor de infraestrutura, com a construção de bueiros, pontes, viadutos, pavimentação asfáltica, a implantação de eixos estruturantes, que melhoraram muito a mobilidade da cidade como um todo. Fizemos ainda um investimento maciço tanto em qualificação dos profissionais, como na melhora das condições de trabalho e da estrutura, desde a reforma das unidades até o investimento em robótica. Hoje, metade das escolas municipais tem a robótica. Investimos igualmente em urbanização, na construção de praças, jardins, parques, no plantio de flores, deixando a cidade mais bela, mais humana, para receber bem as pessoas. Colocamos flores nos canteiros, nos pergolados, fizemos academias abertas, pistas de caminhada. Tudo isso vem dando qualidade de vida ao cidadão. Também há investimentos em tecnologia, muitos dos quais vamos começar a colher frutos neste ano, como o vídeo-monitoramento, prontuário eletrônico, a digitalização de todos os documentos. Já estamos com algumas aplicações em operação. Por exemplo, hoje aqui nós temos o Siga, que é um aplicativo por meio do qual o servidor público pode requisitar um veículo, como se fosse um “Uber governamental”. Em breve, vamos inaugurar nossa central de inteligência, com um data center com capacidade para 4,3 terabytes, que é quase duas vezes a capacidade de armazenamento que tem o Estado. Mais 650 câmaras serão inauguradas em março, com um sistema inteligente de vídeo-monitoramento, de leitura facial, leitura de placas de veículos, que vai melhorar a segurança, reduzir a criminalidade. Trata-se de uma ferramenta importante, principalmente como agente de segurança pública. Investimos muito na área social, com vários programas, num trabalho envolvendo associações de moradores e ainda diretamente com os bairros. E o desafio, claro, é o de continuar avançando, seja na área de infraestrutura, levando asfalto para aqueles que ainda não têm; melhorar ainda mais o atendimento na área da saúde; expandir a instalação de sistemas de robótica para a outra metade das escolas ainda não

“ Em breve, vamos inaugurar nossa central de inteligência, com um data center com capacidade para 4,3 terabytes, que é quase duas vezes a capacidade de armazenamento que tem o Estado ”

beneficiadas. Vamos continuar a construção de praças, que é um projeto pessoal. Aprimorar ainda mais essa aproximação que já temos com as pessoas, principalmente com o programa Prefeitura em Ação. Tenho condições de ouvir as demandas, ouvir as reivindicações da população e a partir daí tomar decisões que sejam importantes para mudar a vida das pessoas.

Goiás Industrial – Qual foi a evolução do investimento municipal ao longo desse período, comparando com a gestão anterior?

Mendanha – Vou te dizer que o governo do (ex-prefeito) Maguito (Vilela) talvez tenha investido mais em volume de recursos. Mas grande parte desses recursos veio do governo federal. Hoje, talvez não tenhamos investido tanto, em valores absolutos, mas temos investido com recursos muitas vezes próprios, com receitas oriundas do pagamento de tributos municipais ou com recursos de empréstimos. Até por conta da crise que o País vive, o governo federal deixou de investir um pouco nos municípios. É claro que

Aparecida foi afetada, mas não deixamos de realizar obras, não deixamos de cumprir com nossas obrigações, seja com o servidor público municipal, seja com fornecedores. A verdade é que talvez sejamos atualmente a cidade que mais investe em qualidade de vida, em todas as áreas – saúde, educação, infraestrutura, na urbanização da cidade. Isso pode ser medido inclusive com pesquisas. A Organização Jaime Câmara, com a qual temos uma parceria no programa Aparecida 2050, que tem o

propósito de pensar a cidade para os próximos 30 anos, fez uma avaliação no município – e olha que as pessoas são críticas aqui, temos um poder aquisitivo maior – e a aprovação da prefeitura chega a 83%. Quer dizer que as pessoas estão felizes com o nosso governo e fico feliz em poder retribuir o carinho e principalmente a confiança das pessoas.

Goiás Industrial – Qual a previsão para investimentos na cidade neste ano?

Mendanha – A previsão orçamentária para investimentos em 2020 chega próximo a R\$ 400,0 milhões, com recursos para infraestrutura, saúde, educação, urbanização e nas demais áreas. Temos uma boa capacidade de endividamento, fizemos empréstimo para fazer investimento e temos principalmente o trabalho feito junto ao governo federal. Temos algumas emendas cujos recursos devem começar a sair agora e vão ajudar nesses investimentos.

Goiás Industrial – *Olhando mais especificamente a economia local, como o sr. descreveria o desempenho do município nos últimos anos? Quais indicadores se destacam mais, seja na geração de empregos, na atração de novas empresas e de investimentos, na produção industrial?*

Mendanha – Nos últimos oito anos, o Produto Interno Bruto (PIB) de Aparecida cresceu 122%, acima do ritmo apresentado até mesmo pela economia chinesa. Claro que isso se deu, primeiramente, como decorrência dos investimentos que foram feitos, depois porque esses investimentos ajudaram a criar uma ambiência que favorece os negócios, facilitando a instalação de indústrias, até porque elas estão sabendo que seus colaboradores terão qualidade de vida. E claro, com as grandes, médias, pequenas e microempresas gerando empregos, receitas. De fato, a cidade de Aparecida está hoje crescendo, continua se desenvolvendo, diferentemente de outros municípios e Estados e, claro, gerando oportunidades a todos que aqui vivem.

Goiás Industrial – *Qual tem sido o papel da administração municipal nesse processo de crescimento ao longo dos anos?*

Mendanha – Acredito que o papel central esteja na facilitação dos negócios em geral, desde o profissional liberal até a grande indústria que queira aqui se instalar tem facilidade de acesso, desburocratização – que é uma agenda permanente que nós temos. No caso das grandes indústrias, temos o incentivo fiscal por parte do Estado ou o incentivo por parte do município, que é a cessão do uso de áreas públicas para sua instalação na cidade. Tudo isso fez com que a cidade continuasse crescendo. Tenho que dizer, também, que essa vocação logística que nós temos, já que o Estado está no centro do País, talvez também tenha sido grande atrativo para essas indústrias, pela facilidade de acesso aos principais mercados. Muitas empresas têm aqui seus centros de distribuição de mercadorias e as próprias indústrias já instaladas conseguiram desenvolver uma logística eficiente que permite distribuir suas mercadorias para os quatro cantos do País.

Goiás Industrial – *Segundo informações da imprensa, a cidade parece conviver atualmente com uma fila de espera de quase 300 empresas interessadas em instalar unidades em Aparecida. Como isso vai se resolver? Há espaço para todas? A prefeitura está programando a criação de novos polos empresariais?*

Mendanha – Exatamente. Esse é o número aproximado de

empresas interessadas em vir para cá. Para se ter uma ideia, nos últimos dez anos, Aparecida saiu de 6,0 mil registros no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e hoje estamos chegando a quase 50,0 mil CNPJs ativos. Foi crescimento gigantesco, de mais de oito vezes. É óbvio que não temos condições de receber todas essas indústrias que querem se instalar na cidade, mas a ideia é realmente receber aquelas que têm ou um potencial maior de contratação (de pessoal), ou aquelas que venham a pagar mais impostos e possam com isso realmente contribuir, ou ainda aquelas que já têm suas fábricas instaladas aqui e queiram ampliar seu leque de produtos.

Goiás Industrial – *São quantos polos empresariais em funcionamento hoje no município?*

Mendanha – Temos sete polos e mais a Cidade Empresarial, cinco polos públicos, quatro dos quais do Estado e um do município, e temos ainda dois privados, que são o All Park Polo Empresarial e o Global Park (lançado em dezembro passado) e ainda, volto

a lembrar, a Cidade Empresarial, que abriga empresas de serviços. Entre os particulares, o All Park é o mais antigo e opera em um sistema de condomínio fechado. O Global, mais recente, já tem algumas empresas se instalando e a maioria das áreas já foi vendida.

Goiás Industrial – *Além desses, foi anunciado ainda o Antares Polo Aeronáutico.*

Mendanha – Esse ainda vai acontecer. Será o novo aeroporto da cidade, privado, mas que vai começar por volta de maio e ainda aguarda a concessão da pista. Mas acho que ainda vai demorar um pouco mais para acontecer. O polo terá o aeroporto e áreas que deverão ser cedidas para empresas do setor aeronáutico.

Goiás Industrial – *Estudos recentes conduzidos pela Fieg apontaram alguns problemas em comum enfrentados pelas empresas que estão nos polos empresariais, envolvendo questão de segurança, tratamento de rejeitos, iluminação, transporte coletivo. O sr. percebe avanços nessas questões mais recentemente?*

Mendanha – Avançamos em alguns pontos, sim. Mas muitos desses pontos não dependem da administração municipal. Avançamos na questão da malha, melhoramos a iluminação, melhoramos a limpeza, conseguimos a instalação de algumas linhas de ônibus. Agora, em relação à água e energia, que não são responsabilidade do município, estamos cobrando, mas não posso dizer se avançou ou não.

“ A previsão orçamentária para investimentos em 2020 chega próximo a R\$ 400,0 milhões, com recursos para infraestrutura, saúde, educação, urbanização e nas demais áreas ”

Goiás Industrial – Como tem funcionado essa parceria entre a prefeitura, o Estado e o governo federal na área de investimentos em infraestrutura, por exemplo, em rodovias, saneamento, energia?

Mendanha – Com o governo federal, temos aqui alguns investimentos a serem feitos, principalmente por meio de emendas de deputados federais e senadores. Temos alguns setores que serão asfaltados agora com os recursos dessas emendas e alguns bueiros celulares que serão construídos. No governo do Estado, conseguimos no ano passado R\$ 1,0 milhão que foram aplicados no asfaltamento do bairro Conde dos Arcos. Agora, na última semana de janeiro, assinamos com o Estado a ordem de serviço para construção do linhaô para abastecimento de água. Serão investidos R\$ 73,0 milhões e temos a perspectiva de alcançar a universalização dos serviços de água e de esgoto nos próximos três anos.

Goiás Industrial – Qual a visão da prefeitura em relação às perspectivas para a economia em Aparecida neste e nos próximos anos?

Mendanha – Aparecida, como já mencionado, tem demonstrado crescimento acima da média e estou muito otimista com o cenário nacional. A tendência do município é de crescer sempre a mais do que na média brasileira. Então esperamos que o Brasil possa neste ano retomar seu crescimento e a indústria volte a produzir mais e com isso todo mundo ganha. Estamos trabalhando para gerar novas oportunidades, para receber novas indústrias e assim tudo isso vem criando um ciclo produtivo que venha a beneficiar toda a população. Não só de Aparecida, mas também de outras cidades, posso dizer assim porque Aparecida hoje deixou de ser uma cidade-dormitório e passou a ser uma cidade que gera oportunidades inclusive para moradores de outras cidades, seja de Goiânia, seja de Bela Vista, seja de Hidrolândia, seja de Aragoiânia. Tornou-se uma referência não só em empreendedorismo, mas em outras áreas, como educação e saúde. O que nós queremos é que Aparecida continue sendo um dos principais expoentes do Estado e, claro, com isso toda a população será beneficiada.

Goiás Industrial – Vocês têm uma visão de como deverá se comportar o investimento privado na cidade? Quantas empresas deverão se instalar durante o ano em Aparecida?

Mendanha – É difícil fazer uma previsão. Mas apenas o Guaraná Mineiro tem a perspectiva de investir mais de R\$ 50,0 milhões nos próximos meses com a construção de sua nova fábrica no município. Esperamos poder avançar com a instalação de novos polos industriais, sejam privados, sejam públicos, e principalmente trabalhar para que a cidade continue crescendo e tendo esse ambiente favorável a empresas de todos os setores e todos os portes.

Goiás Industrial – O Guaraná Mineiro já definiu a área onde vai instalar sua unidade?

Mendanha – Sim, já definiu. Serão 53,0 mil metros quadrados e a perspectiva é de que as obras sejam iniciadas o mais breve possível e que a população seja beneficiada pelos empregos que serão gerados (com previsão para abertura de 1,5 mil vagas diretamente e outras 4,5 mil de forma indireta). A área do Guaraná Mineiro, cedida pelo município, está próxima do All Park.

NA HISTÓRIA // ALUNO, ESTAGIÁRIO E PROFESSOR NO SESI

Esportista, o prefeito Gustavo Mendanha tem fortes relações com o Sesi Goiás, onde fez iniciação esportiva, estagiou e foi professor em áreas de atuação da instituição. Um pouco da história ele mesmo conta: “O Sesi teve importância transformadora em toda minha vida, desde criança, adolescente, jovem. Fui aluno de natação por quase três anos no e, com o convívio, passei a jogar futebol. Depois, como aluno de educação física na PUC (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), tive oportunidade de ser estagiário do Sesi, trabalhando com ginástica laboral nas empresas, onde aprendi muito. Posteriormente, fui professor de natação e hidroginástica, e tudo isso me motivou em questões esportivas, sociais. O Sesi é modelo de transformação, seja na educação, no lazer, ou na cultura.”

Alex Malheiros



► **Prefeito Gustavo Mendanha** entrega prêmios a vencedores da Corrida Sesi do Trabalhador da Indústria, em Aparecida de Goiânia, na qual foi um dos competidores



**CURSOS
TÉCNICOS
SENAI**

**MAIS QUE
PREPARADO,
VOCÊ
EMPREGADO.**

**7 ENTRE 10 ALUNOS
SAEM EMPREGADOS**

VIVÊNCIAS PRÁTICAS

AMBIENTES COM TECNOLOGIA
AVANÇADA

SENAIGO.COM.BR/CURSOS

SENAI

PELO FUTURO DO TRABALHO





O TRAMPOLIM PARA A MODA GOIANA

Goiás Fashion Bureau começa a pensar projetos e ações estratégicas para organizar o crescimento do setor e colocar o Estado entre os principais polos do País

Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima
Fotos: Alex Malheiros

Na história das nações, não há país que tenha conseguido se desenvolver e enriquecer, trazendo junto sua população, apenas com a produção de matérias-primas e sem uma indústria dinâmica e vigorosa, declarou o presidente da Fieg, Sandro Mabel, na solenidade que marcou o lançamento do Goiás Fashion Bureau (GFB), no dia 10 de fevereiro, na Casa da Indústria. “Nossos empregos têm que ser criados aqui em Goiás, para promover nossa indústria e nossa economia”, complementou. A iniciativa surge numa parceria entre a própria Fieg com a Fecomércio, envolvendo ainda Sebrae Goiás, Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Goiás (OCB-GO), Banco do Brasil e Secretaria de Estado de Indústria e Comércio (SIC).

“Este é um sonho desde que assumimos a Fieg, juntamente com a posse de Marcelo Baiocchi na Fecomércio”, prosseguiu Sandro Mabel. O projeto compõe um dos três pilares definidos no início do ano passado pela Fieg, ao lado do crescimento da



Sandro Mabel: “Até aqui, a moda goiana tem crescido muito mais pela ação corajosa de seus empresários. Mas temos que ter técnica para fazer isso funcionar, com a união de esforços de todos os parceiros”

▶ **Região da Rua 44:** setor emprega 160 mil pessoas diretamente e se tornou o segundo polo de distribuição de moda do País

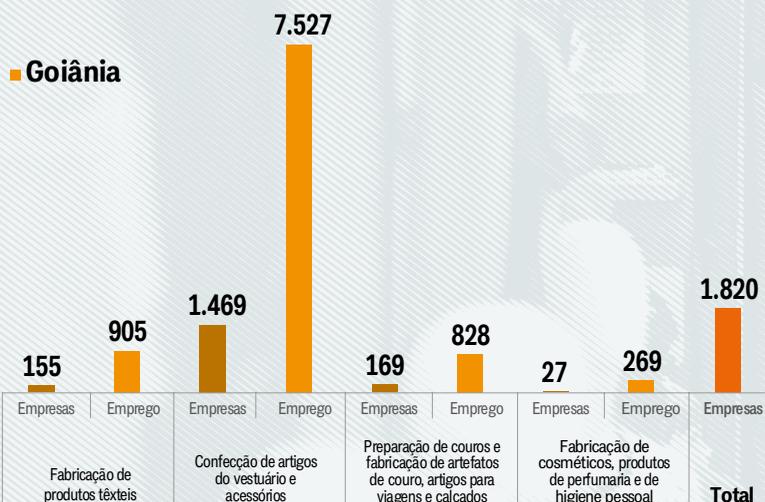
mineração e da industrialização de grãos, e tem como propósito o fortalecimento da cadeia produtiva da moda goiana, operando como instrumento de mobilização e de articulação de seus diversos segmentos. “Em meio a tantos desafios de toda natureza que enfrentamos em nosso primeiro ano à frente da Fieg, marcado pela deterioração do ambiente de negócios no Estado, ainda assim temos essa conquista como um troféu para nossa galeria de tantos outros”, disse ele, ressaltando a parceria de “tantos atores importantes nesse segmento, que possibilitaram a materialização do Goiás Fashion Bureau”.

O GFB nasce com a missão de adicionar visão estratégica ao projeto de transformar Goiás num polo relevante de moda em todo o País, definindo políticas e ações em conjunto e de forma organizada. “Até aqui, a moda goiana tem crescido muito mais pela ação corajosa de seus empresários. Mas temos que ter técnica para fazer isso funcionar, com a união de esforços de todos os parceiros”, sustentou ainda o presidente da Fieg.

Entre outros objetivos, o Goiás Fashion Bureau vai ainda apoiar o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva; desenvolver e apoiar projetos que defendam e criem incentivos para amparar industriais, comerciantes e trabalhadores do setor; elaborar programas, criar câmaras setoriais e desenvolver atividades relacionadas à cadeia da moda; ampliar a competitividade das empresas na indústria e no comércio; e avaliar ambientes econômicos e mercadológicos que envolvem o setor.

Idealizador do GFB, Sandro Mabel lembrou ainda que o setor da moda não é intensivo em capital, exige investimentos relativamente baixos, mas é altamente gerador de empregos. Em Goiás, as indústrias de produtos têxteis, confecções, artigos do vestuário, fabricação de couros, artefatos de couro, artigos para viagens, calçados e cosméticos, em conjunto, somam 3.647

O RETRATO (ECONÔMICO) DA MODA EM GOIÁS



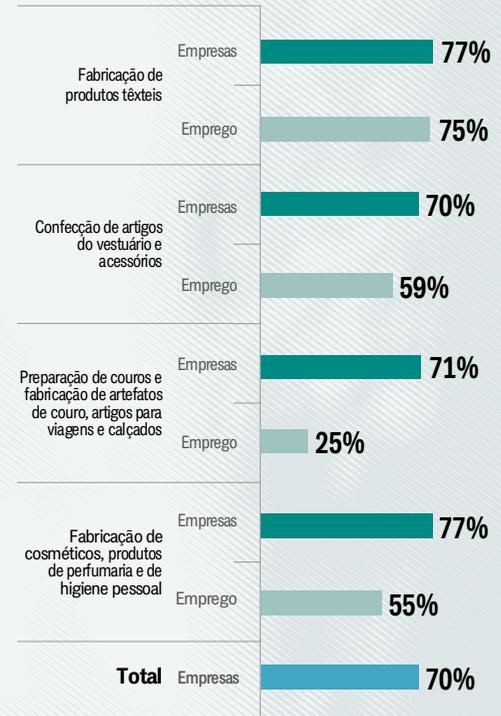
■ Aparecida



■ Anápolis



■ Part. (%) municípios



■ Total Goiás



Fonte: Rais 2018 // Cotec-Fieg



Luiz Antônio Maronezi, Denise Resende e Edilson Borges de Sousa: esforço conjunto para tornar o desenvolvimento do setor mais homogêneo

empresas e empregam formalmente 31.289 pessoas. Pouco mais de metade desses empregos (55%), num total de 17.164 vagas, concentra-se nos polos de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Jaraguá, Anápolis e Inhumas, que agregam perto de 70% das empresas daqueles setores (num total de 2.571 empreendimentos).

Outro desafio a ser enfrentado, retoma Sandro Mabel, será a criação de melhores condições de custos para acelerar a indústria de insumos para o setor da moda e ainda atrair os setores de tecelagem, aviamentos e tinturaria, tornando possível a produção de jeans no Estado e substituindo integralmente importações. Como consequência, seria incrementada a geração de empregos dentro do Estado, assim como de receitas para o setor público. Isso exigirá a elaboração, em parceria com o setor público, de políticas de incentivos que permitam atrair indústrias fornecedoras de

matérias-primas para o setor, a exemplo das tecelagens, mas também fabricantes de botões, zíperes, entre outros insumos.

“Apesar de o Brasil possuir a maior cadeia têxtil completa do Ocidente, produzindo desde algodão, fibras, fiações, tecelagem, beneficiadoras, confecção até os grandes eventos de desfiles de moda, percebemos o potencial que temos para crescer quando vemos a China liderar o setor, concentrando 50% de tudo o que é produzido”, argumentou.

Identidade goiana

Segundo a presidente da Câmara da Moda da Fieg, Denise Resende, o bureau da moda terá como papel central “articular ações estratégicas de promoção da indústria do setor”, constituindo-se uma “instância de governança, onde todas as entidades participantes vão desenhar e

definir estratégias para que ações e projetos nesta área se realizem”. A câmara continuará a operar como um “espaço de convergência de todas as ações voltadas para o fortalecimento da moda goiana”. Denise acrescentou que a entidade igualmente manterá seus esforços para “potencializar o trabalho dos sindicatos do setor”.

Desde sua criação, a câmara reúne cinco sindicatos dos segmentos de vestuário e confecções, alfaiataria e calçados (Sininvest, Sinroupas, Siva, Sindialf e Sindicalce), diretamente relacionados ao setor da moda e ainda “stakeholders com responsabilidade sobre o mesmo tema” com o objetivo de centralizar as ações e otimizar recursos e esforços para promover o setor como um todo. Nesse sentido, o GFB e a câmara atuarão em conjunto, especialmente em ações e projetos de maior fôlego, que “demandam estratégias mais amplas”, com participação ainda do Sindquímica, que representa o



► **Wanderson Portugal:** diálogo com a Fundação Dom Cabral para tentar entender a “verdadeira vocação da moda em Goiás”

setor de cosméticos, entre outros setores da indústria química.

Na sua avaliação, o desafio principal será consolidar o avanço da indústria da moda no Estado de forma mais uniforme, pois o setor tem crescido nos últimos anos de maneira desigual. Essa homogeneização exigirá o desenvolvimento de projetos de qualificação das empresas e de seus funcionários para que a produção ganhe em qualidade e consiga, assim, “definir uma identidade para a moda goiana”, ganhando consumidores no Estado e também fora.

“Vamos buscar o que quer que esteja faltando para a indústria da moda, sejam máquinas, equipamentos, ferramentas, recursos”, declarou o diretor executivo do Goiás Fashion Bureau, Luiz Antônio Maronezi. “Nosso trabalho estará integralmente focado em levantar as principais questões e problemas que impedem o desenvolvimento da indústria, discutir com todas as partes envolvidas e buscar soluções”, disse ainda.

Planejamento estratégico a caminho

Por encomenda da Fieg, o Sebrae Goiás finaliza o planejamento estratégico para o Goiás Fashion Bureau com metas para os próximos cinco anos, o que dará sustentação para suas ações ao longo do período. De acordo com José Divino Arruda, presidente do Sinvest, que representa as indústrias do vestuário em Goiás, o plano incluirá ações e projetos para promover a qualificação de todo o setor da moda na área de design, formação em comércio exterior, com preparação das empresas para exportar, atração de novas empresas para complementar a cadeia, ocupando espaços atualmente ainda não explorados ou pouco explorados, além de um programa amplo de divulgação da moda goiana no País e no mercado internacional.

“A criação do GFB foi uma ideia do presidente Sandro Mabel que será muito importante para organizar o setor, que vinha atuando de forma dispersa, além de facilitar a busca de recursos para financiar



► **José Divino Arruda:** plano vai fixar metas para o setor ao longo dos próximos cinco anos



► **Luís Alberto Pereira:** sistema cooperativa pode contribuir em três pontas do sistema – crédito, distribuição e produção

a indústria. O bureau nasce na sequência da instalação da Câmara da Moda, que era uma proposta do setor desde a gestão anterior na Fieg e foi concretizada agora”, lembrou Arruda.

O presidente do Sinvest observou que o Estado, embora tenha a terceira maior indústria nessa área, é o segundo maior polo de varejo e distribuição de moda no ►

País. Jair Alcântara, presidente do Sindicato Química, acrescentou que o Estado abriga ainda o sexto maior polo de produção de cosméticos e que a articulação a ser exercida pelo bureau deverá alavancar os negócios também em seu setor.

Presidente do Sinroupas, Edilson Borges de Sousa acredita que o GFB permitirá “dar consequência aos projetos do setor, fundamentados em planejamento e estudos técnicos”. O empresário considera a iniciativa, desde já, como um marco para a indústria de confecções. “Vamos atingir o estágio de sermos considerados o primeiro Estado na moda em todo o País, o que exigirá esforços e, novamente, planejamento. Temos faculdades, expertise, capacidade técnica e produtiva para crescer”, acredita Borges.

Wanderson Portugal, diretor técnico do Sebrae Goiás, afirma que a entidade já trabalha com o segmento de moda e antecipa que o bureau permitirá um trabalho mais intensivo de apoio ao setor daqui em diante, mas de forma mais estruturada, “com um pouco mais de ciência”. O Sebrae já se aproximou da Fundação Dom Cabral (FDC) para, como disse Portugal, “tentar entender a verdadeira vocação da moda em Goiás” e para estabelecer ainda formas de organização mais institucionais.

Crédito e apoio em todas as áreas

A Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Goiás (OCB-GO), afirma seu presidente, Luís Alberto Pereira, poderá participar em três frentes simultâneas, oferecendo sua rede de cooperativas de crédito no financiamento da indústria do setor e ainda como “balizador de custos de crédito”; assim como as cooperativas de transporte, que entrariam na distribuição de matérias-primas e de produtos acabados, otimizando o fluxo de entrada de suprimentos e de saída dos produtos;



► **Jairo Gomes:** “A Fieg veio para juntar todas as iniciativas num mesmo balcão, dar organização e centralizar as ações, além de promover a qualificação do setor”



► **MODA É AQUI!** Região da Rua 44 movimentada anualmente quase R\$ 7,0 bilhões e tem crescido 6% a 8% a cada ano

e, mais diretamente, por meio de cooperativas de produção. Neste último caso, Pereira lembra que as empresas de têxteis, confecções e vestuário têm a opção de se organizar em cooperativas para produzir moda. “Como parte do bureau, vamos articular com todos os elos do segmento”, sustenta ele.

Conforme Luciano Berno, superintendente do Banco do Brasil em Goiás, como parceira do GFB, a instituição espera contribuir para fortalecer a cadeia produtiva do setor de modas, muito provavelmente com a formatação de linhas de crédito a taxas diferenciadas e vinculadas ao segmento. “A ideia é trazer mais gente para a formalidade”, afirma. Entre outros produtos, que envolvem as linhas do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), o banco poderá colocar à disposição do setor operações de antecipação de recebíveis e folha de pagamento. “Nossos gestores têm al-

çada para decidir sobre encargos e taxas”, acrescenta Berno.

Rua 44 engata novos projetos

Um dos polos de negócios mais dinâmicos de Goiânia, a região da Rua 44 espera manter em 2020, a despeito das incertezas ainda não dissipadas no horizonte econômico e político, a taxa de crescimento média experimentada desde seu surgimento, por volta do início dos anos 2000, entre 6% e 8% ao ano, adianta Jairo Gomes, empresário e presidente da Associação Empresarial da Região da 44 (AER44). “Teremos uma visão mais nítida a partir do primeiro trimestre, mas a intenção é manter essa taxa”, acrescenta ele.

Gomes participou do lançamento do Goiás Fashion Bureau, no começo de fevereiro. “Hoje, o setor de modas no Estado ‘chuta’ em várias direções. A Fieg veio para



▶ **Luciano Berno, superintendente do Banco do Brasil em Goiás:** “A ideia é trazer mais gente para a formalidade”

REGIÃO DA 44

- ▶ **14.760 lojas físicas em 102 empreendimentos**, entre shoppings e galerias
- ▶ Produção média de **7 milhões** de peças
- ▶ **Maior empregador do Estado, com cerca de 160 mil empregos diretos**, e milhares de indiretos provenientes da venda de matérias-primas, lavanderias, facções, rede hoteleira e diversos outros serviços relacionados ao polo de confecções da região
- ▶ Faturamento médio de **R\$ 600 milhões** por mês
- ▶ **Goiás está entre os três maiores polos atacadistas do Brasil**, juntamente com São Paulo e Santa Catarina
- ▶ **A região da 44** tem alcançado cada vez mais o mercado externo, principalmente Estados Unidos, Europa e África, com produtos de moda íntima, praia, modinha e jeans
- ▶ **A matéria-prima tem sido genuinamente brasileira**, tendo o mínimo de importação de produtos chineses
Fonte: Associação Empresarial da Região da 44





► **COMÉRCIO PRESENTE:** Idelton Júnior (Sindego), Ricardo Rodrigues (Sindicato de Turismo), Fernanda Cury (Conselho de Turismo), Iúri Godinho (Sistema Fecomércio/Sesc/Senac), Lu Moreira (Escola de Moda do Senac) e Ibraim de Almeida Coelho, diretor executivo da Fecomércio

facções e numa rede que supera 35 hotéis, oferecendo um total aproximado de 5,0 mil leitões. A produção atinge em torno de 7,0 milhões de peças, em média, que geram movimentação financeira próxima de R\$ 600,0 milhões por mês ou quase R\$ 7,0 bilhões por ano. Se uma comparação fosse possível, o valor corresponde a aproximadamente 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) gerado em todo o Estado. Além de fomentar negócios em quase três dezenas de municípios goianos, retoma Jairo Gomes, o polo da 44 vem atraindo lojistas de São Paulo, Santa Catarina, do Ceará, Paraná e de outros Estados, interessados em instalar lojas na região. Além disso, a produção ganha espaço no mercado internacional, alcançando consumidores dos Estados Unidos, da Europa e da África, com exportação de produtos de moda íntima, praia, modinha e jeans.



“GOIÁS PRECISA DE UMA INICIATIVA COMO ESSA PORQUE A MODA GOIANA É FORTE MAS PRECISA SEMPRE DE TRABALHAR A MARCA E AGREGAR VALOR AOS NOSSOS PRODUTOS.”

MARCELO BAIOCCHI,
presidente da Fecomércio

juntar todas as iniciativas num mesmo balaio, dar organização e centralizar as ações, além de promover a qualificação do setor”, sustenta. Uma dessas iniciativas, su-

gere ainda, poderia vir sob a forma de uma semana da moda, entre outras destinadas a “transformar Goiás no grande polo de moda do País”. Gomes antecipou a intenção de entregar ao governador do Estado, nas próximas semanas, um pré-projeto de divulgação da moda, “com ajuda da Câmara da Moda da Fieg”, acentua. “Vamos transformar Goiânia em 2020 na capital da moda no País”, dispara ele.

A “região da 44”, denominação preferida por Gomes, prepara-se para mais uma fase de expansão, prevista para este ano. O empresário antecipa a chegada de investimentos em pelo menos mais três empreendimentos de porte, incluindo dois novos outlets (Centro-Oeste e Altas Horas) e a ampliação do shopping Imperial Center. Os projetos tendem a turbinar um polo que já reúne, em números da associação, 14.760 lojas físicas em 102 empreendimentos, incluindo shoppings e galerias, e emprega diretamente perto de 160,0 mil pessoas.

O número, acrescenta Gomes, não inclui outros milhares de empregos gerados indiretamente na produção e venda de matérias-primas e insumos, lavanderias e

Tecnologia para a indústria têxtil

A Faculdade Senai Ítalo Bologna, no Setor Centro-Oeste, em Goiânia, passará a ser um polo avançado do Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (Senai Cetiqt), do Rio de Janeiro, considerado referência em educação, tecnologia e inovação para a indústria no segmento de têxtil e vestuário. A parceria foi formalizada no dia 9 de março, durante evento comemorativo do 52º aniversário da faculdade, uma das principais unidades do Senai em Goiás, com presença do diretor executivo do Senai Cetiqt, Sérgio Motta.

Criado em 1949, o Senai Cetiqt oferece à indústria e ao mercado um leque de serviços transversais que o consagram



► **RIO-GOIÂNIA:** polo avançado do Senai Cetiqt, a Faculdade Ítalo Bologna, no Setor Centro-Oeste, potencializa atendimento, diz Paulo Vargas

como um dos maiores centros latino-americanos de produção de conhecimento aplicado à cadeia produtiva desses setores. A conectividade dinâmica formada pela interrelação das áreas de educação, tecnologia e inovação é um de seus diferenciais. Por intermédio do Instituto Senai de Tecnologia Têxtil e de Confecção, são prestados serviços especializados de metrologia (ensaios para avaliação da conformidade e calibração), consultoria (criação, produção e qualidade) e pesquisa aplicada (criação ou aprimoramento de novos materiais, produtos, processos e sistemas).

“A partir de agora, o Senai Goiás vai potencializar o atendimento que presta desde a década de 70 à indústria do vestuário, segmento expressivo de nossa economia, cujo fortalecimento é um dos pilares da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) na gestão do presidente Sandro Mabel, na esteira da criação da Câmara Setorial da Moda e do lançamento do Goiás Fashion Bureau”, afirma o diretor



regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas.

“A parceria possibilitará trazer a indústria de Goiás tudo o que há de mais avançado em tecnologia e inovação na área têxtil e vestuário oferecido pelo Senai Cetiqt”, complementa Dario Queija, diretor da Faculdade Senai Ítalo Bologna, que esteve recentemente em visita ao complexo no Rio de Janeiro. Entre as novas tecnologias, ele cita o Fashion Lab, a confecção 4.0, o Inova Moda, consultoria lean, coleção ágil, dentre outros serviços com tecnologias importantes para a moda goiana se destacar no mercado brasileiro e mundial.

ESPAÇO PARA CRESCER

Levantamento realizado pela área técnica da Fieg mostra que o setor da moda movimenta, em média, **US\$ 35 trilhões** em vendas por ano no mundo. A Ásia concentra **70%** da produção têxtil e **65%** da produção de vestuário. A participação do Brasil nesse mercado é de **2,4%**, ocupando a **5ª** posição no ranking mundial de têxteis e o **4º** lugar em produtos de vestuário.

Aqui dentro, a moda movimenta **R\$ 187 bilhões** por ano, com **62 mil** indústrias instaladas e mais de **1,0 milhão** de empregados. Numa estimativa da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), o mercado da moda no País deverá crescer em torno de **13%** até 2021.

Em Goiás, apesar do expressivo crescimento nos últimos anos – sobretudo com o desenvolvimento do polo da Rua 44, em Goiânia –, o setor ainda registra predominância da informalidade. Os principais polos da indústria da moda em Goiás estão em Goiânia, Aparecida de Goiânia, Trindade, Jaraguá, Anápolis, Inhumas, Jataí, Rio Verde, Pontalina e Catalão, com destaque para os arranjos produtivos locais (APL) de Goiânia e Jaraguá.

A oferta de matéria-prima favorece os planos de consolidar o setor no Estado, terceiro maior produtor de algodão do País, registrando colheita de **183,5 mil** toneladas no ano passado, num salto de **82%** em relação a 2018. Adicionalmente, a Região Centro-Oeste, com destaque para Mato Grosso e Goiás, responde por **73%** de toda a produção brasileira da fibra.

O Estado abriga ainda alguns segmentos dedicados à produção de insumos para o setor, incluindo indústrias de acabamento de fios, tecidos e artefatos têxteis (**94 empresas**), fabricação de artefatos de tapeçaria (**38 empresas**), tecelagem (**12 empresas**), fabricação de aviamentos para costura (**seis empresas**) e tinturaria (**quatro empresas**). Em conjunto, essas indústrias empregam quase mil funcionários. ■

APOSTAS SUGEREM (LEVE) MELHORA

Setor financeiro ajusta suas projeções para 2020, apostando em crescimento em torno de 2,2% para o PIB, inflação controlada e juros estabilizados em 4,25%

Lauro Veiga Filho

As previsões para a economia têm sido mais generosas neste começo de ano, assim como haviam sido no início de 2019, refletindo o que parece ser muito mais a expressão de um desejo do que uma expectativa lastreada em dados da realidade. Nos primeiros dias de janeiro do ano passado, analistas e economistas de instituições financeiras chegaram a apostar que a atividade econômica poderia crescer qualquer coisa ao redor de 2,6%, previsão revisada nos meses seguintes, com direito a altos e baixos ao sabor das flutuações de humor dos mercados. A expectativa do setor das finanças, aferida pelo Relatório Focus, divulgado em meados de fevereiro deste ano pelo Banco Central (BC), indicava, com o requinte da segunda casa depois da vírgula, uma estimativa de 1,12% para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2019, a ser anunciado no início de março pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os departamentos de

macroeconomia do Bradesco e do Itaú sugeriam variação mais próxima de 1,2%.

De uma forma ou de outra, a economia estaria repetindo, com gradação ligeiramente mais modesta, o desempenho observado em 2017 e 2018, com elevação de 1,3% para o PIB. Para este ano, na média das apostas recolhidas no mercado pelo Focus, espera-se crescimento na faixa de 2,32%. O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco (Depec), mais animado com os cenários vislumbrados até fevereiro, trabalha com projeção mais próxima de 2,5%, enquanto o Itaú Unibanco, segundo o economista Luka Barbosa, com formação pela PUC de São Paulo e pelo Insper, aguarda elevação de 2,2%.

Na visão de Paulo Gala, diretor-geral da Fator Administração de Recursos, os dados do IBGE para o último trimestre de 2019 “mostraram um Brasil que volta a crescer muito lentamente”. As vendas do varejo ampliado, que inclui as lojas varejis-

Fabio Risnic



tas tradicionais e ainda concessionárias de motos e veículos, autopeças e material de construção, apresentaram variação de 4,5% na comparação com o quarto trimestre de 2018 e encerraram o ano com elevação de 3,9% (diante de avanço de 5,0% em 2018). A produção industrial sofreu baixas de 1,2% e de 0,6% no terceiro e quarto trimestres, encerrando o ano com perda de 1,1% (depois de crescer apenas 1,0% em 2018).

Segundo Gala, em São Paulo, maior centro econômico do País, os setores do varejo e da construção civil “devem continuar em expansão”, mas a “indústria não consegue se recuperar, continua perdendo espaço no PIB”. Além disso, “o mercado de trabalho se recupera de maneira precária”, com avanço de “empregos informais e de baixa remuneração”. O desemprego, prossegue ele, mostra alguma redução, “mas os empregos criados são ruins. Nosso crescimento em 2020 está mais para 2,0%”.



► **Paulo Gala, da Fator Administração de Recursos:** o mercado de trabalho se recupera de maneira precária, com avanço de empregos informais e de baixa remuneração



► **Luka Barbosa, do Itaú Unibanco:** banco espera crescimento de 2,2% para o PIB neste ano

Incertezas e polêmicas em Goiás

O empresário Sandro Mabel, presidente da Fieg, afirma que a redução de 1,1% na produção industrial no ano passado “joga um pouco de água no chope do setor produtivo” (leia artigo à página 5), considerando as expectativas de retomada da atividade ao longo deste ano. A queda, que veio no curso de uma nítida tendência de desaquecimento do setor no último trimestre de 2019, trará efeitos estatísticos sobre os números do setor no começo deste ano e pode influir ainda no ânimo do setor em relação ao restante do exercício.

Mas o presidente da Fieg alinha-se entre os mais otimistas nesta área e vislumbra a possibilidade ainda de crescimento de 3,0% para a produção industrial em 2020, o que contribuiria para sustentar avanço na faixa de 2,5% para o PIB. Sandro

Mabel alerta, no entanto, que o cenário para a indústria goiana e para a economia do Estado como um todo dependerá ainda da capacidade do setor público estadual para definir políticas públicas em favor do setor e da manutenção dos incentivos fiscais, já que cortes nessa área podem desestimular investimentos e afugentar empresas. “A atual política estadual em relação aos incentivos fiscais deve impactar negativamente na manutenção e disseminação desse crescimento. A redução ou eliminação de incentivos fiscais em Goiás trará como consequência a fuga das indústrias, revertendo essa sinalização de crescimento no setor produtivo goiano”, adverte.

Na mesma linha, a economista Januária Guedes, da Fieg, observa que as expectativas em relação à atividade econômica no Estado “seguem com menos ímpeto” neste ano. “O que se observa é um cenário

Alex Malheiros



► **Sandro Mabel, presidente da Fieg:** depois do “balde de água fria” no final do ano, previsão de alta de 3,0% para a produção industrial em 2020



“ O que se observa é um cenário de apreensão e insegurança jurídica. As incertezas quanto aos incentivos fiscais impactam diretamente nas decisões de investimento e de aumento na produção ”

JANUÁRIA GUEDES, economista da Fieg



Alex. Matheiros

de apreensão e insegurança jurídica. As incertezas quanto aos incentivos fiscais impactam diretamente nas decisões de investimento e de aumento na produção.” De acordo com ela, o Índice de Confiança do Empresário Industrial Goiano, medido pela Fieg em parceria com a CNI, “mostra que o nível atual está abaixo de anos anteriores. Em 2010, a confiança superava os 70 pontos, atualmente oscila abaixo dos 65, sendo que os aspectos positivos estão relacionados às expectativas quanto à economia nacional”. Ainda assim, pondera Januária, “pode-se dizer que a tendência para 2020 é de uma melhora gradual na confiança e perspectivas dos empresários goianos, podendo influenciar na intenção de investimentos, promovendo melhora na atividade produtiva”.

Um crescimento enganoso

No ano passado, os anúncios de investimento apresentaram forte incremento na comparação com 2018, subindo de US\$ 1,401 bilhão para US\$ 1,549 bilhão, numa alta de quase 10,6%, segundo a Rede Nacional de Informações sobre o Investimento (Renai), do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), que levanta estatísticas sobre o tema em parceria com secretarias estaduais de desenvolvimento econômico e federações regionais da indústria (por meio da rede de Centros Internacionais de Negócios). Analisado a certa distância, sem visão mais crítica, o dado parece extremamente favorável num momento de baixo crescimento econômico, desemprego elevado e máquinas ociosas na indústria. O fato é que praticamente dois terços daqueles investimentos, algo como US\$ 1,019 bilhão



► **Novos projetos:** Saneago anuncia investimentos de US\$ 1,019 bilhão na expansão e melhoria dos sistemas de tratamento de água e esgoto

(ou 65,8% do total), foram anunciados pela Saneamento de Goiás S.A LP (Saneago) e serão investidos nos próximos cinco anos em projetos de ampliação e melhoria dos sistemas de abastecimento de água e de tratamento de esgotos.

Excluída a Saneago, que não chegou a anunciar novos projetos em 2018, na contabilidade da Renai pelo menos, os demais setores comunicaram em 2019 a previsão de investir US\$ 530,151 milhões nos próximos anos, o que corresponderia a uma retração de 62,2% frente ao ano anterior, em meio a polêmicas desgastantes envolvendo os principais protagonistas do setor empresarial, setores da Assembleia Legislativa e o governo do Estado. Adicionalmente, pouco mais de 58% do valor anunciado nos 12 meses de 2019 dizem respeito a uma única operação, divulgada pela CMOC Brasil, subsidiária da China

Molybdenum (CMOC), que prevê investir US\$ 308,483 milhões na expansão de suas operações em Catalão, onde explora nióbio e fosfato.

Caem contratações do FCO

As contratações do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) em Goiás entraram em forte baixa a partir de setembro, revertendo a estabilidade virtual observada até o mês imediatamente anterior, quando as contratações ainda apontavam variação de 1,27% diante dos oito primeiros meses de 2018. Entre janeiro e setembro de 2019, o

total de contratações do FCO para o Estado atingiu R\$ 2,195 bilhões, o que representou redução de 5,47% frente a igual intervalo do ano anterior, já que o volume de contratações havia somado R\$ 2,322 bilhões em números arredondados.

A distribuição dos recursos tornou-se mais equilibrada, com avanço maior das indústrias e do setor empresarial como um todo. O orçamento do FCO para Goiás para o ano passado foi reforçado com aporte de mais R\$ 460,0 milhões, em decisão tomada em setembro pelo Conselho Deliberativo da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco), subindo de R\$ 2,320 bilhões para R\$ 2,780 bilhões.

O MAIS BAIXO EM QUASE DUAS DÉCADAS

No setor público estadual, praticamente todo o arrocho imposto aos gastos do governo em 2019 ficou concentrado na conta dos investimentos, que desabaram de R\$ 1,185 bilhão para R\$ 527,535 milhões entre 2018 e o ano passado, encolhendo 55,47% (ou seja, R\$ 657,065 milhões a menos). O dado considera os valores pagos pelo Estado e ainda investimentos inscritos em restos a pagar processados e não processados igualmente pagos.

Considerando os valores liquidados, etapa na execução orçamentária que antecede o desembolso efetivo, e sem incluir restos a pagar, o investimento atingiu em 2019 o menor nível desde 2001, em valores atualizados com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A prestação de contas do governo relaciona a liquidação de R\$ 359,670 milhões em investimentos no ano passado, num tombo de 68,2% frente a R\$ 1,132 bilhão registrados em 2018.

A valores de dezembro de 2019, para comparação, o investimento liquidado – critério utilizado pelos governos estaduais para aferir seu

desempenho fiscal até 2017 – havia alcançado R\$ 693,39 bilhões em 2001. Esse número chegou a despencar para R\$ 452,9 milhões em 2012 e avançou até R\$ 3,040 bilhões em 2014, o mais elevado da série, representando 14,6% da receita corrente líquida.

QUEDA VERTICAL

(Investimentos liquidados pelo setor público estadual, valores nominais em R\$ milhões, períodos selecionados)

Períodos	Investimento liquidado
2001	237,71
2005	549,48
2010	296,20
2014	2.302
2015	1.025
2016	515,93
2017	1.270
2018	1.133
2019	358,67

Fonte: Goiás Transparente (<http://www.transparencia.go.gov.br/portaldatransparencia/>)

Os números preliminares dos programas Produzir e Fomentar, de acordo com a Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços (SIC), indicam a aprovação de 51 projetos entre janeiro e setembro de 2019, diante de 61 no mesmo período de 2018, com intenção de investimentos na faixa de R\$ 937,458 milhões, numa elevação de 53,5% na comparação com os

mesmos meses do ano passado (quando o investimento prometido havia atingido R\$ 610,685 milhões). Os empregos diretos previstos, assim como o valor dos benefícios fiscais, ficaram menores neste ano, baixando de 2.729 para 1.234, no primeiro caso, ou 54,8% a menos, e despencando de R\$ 22,316 bilhões para R\$ 5,850 bilhões (queda de 73,8%).

neladas por ano (120% a mais) e gerando 600 empregos quando o projeto alcançar seu pico. A unidade de ração da planta de Rio Verde terá sua capacidade elevada em 30% e, em Buriti Alegre, os recursos permitirão que a unidade passe a produzir também para o mercado halal (alimentos e produtos industrializados preparados de acordo com as orientações da lei islâmica), atendendo especialmente o Oriente Médio.

RETROCESSO

(Contratações do FCO em Goiás entre janeiro e setembro, valores nominais em R\$ milhões)

Período	Valores	Número de contratos
2018	2.321,52	13.378
2019	2.194,61	8.367
Variação	-5,47%	-37,46%

Fonte: Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) / Relatório de informações gerenciais do Banco do Brasil

Entre os projetos enquadrados no Produzir, a BRF anunciou em agosto sua decisão de investir R\$ 89,0 milhões no Estado, destinando R\$ 68,0 milhões para ampliação das fábricas de Mineiros e Rio Verde, no Sudoeste goiano, e Buriti Alegre, no Sul do Estado, ainda em 2020, dobrando sua capacidade de abate de frangos, e mais R\$ 21,0 milhões para modernização e melhorias em suas unidades goianas. A linha de produção de perus em Mineiros será adaptada para o abate de frangos destinados ao mercado doméstico, elevando sua capacidade de 58 mil para 128 mil to-

Empregos de baixa qualidade

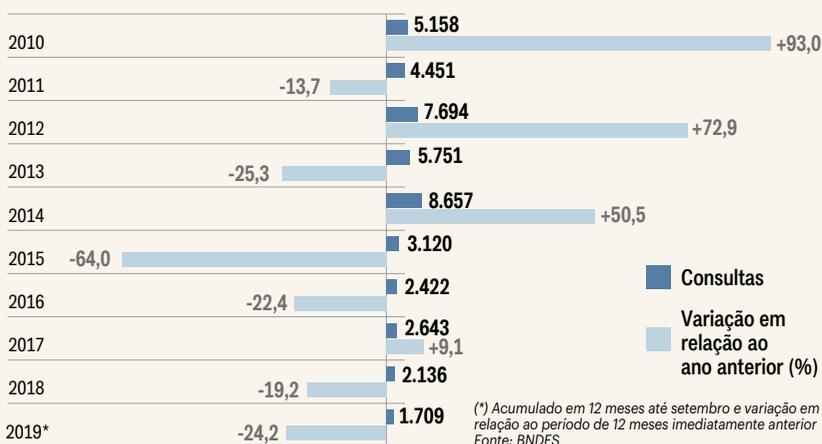
O desempenho do emprego pode complicar as possibilidades de crescimento mais acelerado ao longo do ano. Os números finais de 2019 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram mais uma vez que a economia brasileira caminha para consolidar

CONSULTAS AO BNDES VOLTAM A REGREDIR

Os dados mais recentes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) mostram que o volume de consultas recebidas de empresas goianas mantinha-se em baixa até setembro. Em valores nominais, quer dizer, sem descontar o efeito corrosivo da inflação, as consultas desabaram 24,72% no acumulado entre janeiro e setembro deste ano frente aos mesmos nove meses do ano passado, baixando de aproximadamente R\$ 1,566 bilhão para R\$ 1,179 bilhão – o valor mais baixo desde 2003, quando, nos mesmos nove meses, as consultas haviam alcançado R\$ 964,40 milhões, em valores não atualizados. Os desembolsos de recursos já contratados ficaram 7,9% menores, regredindo de R\$ 1,229 bilhão para R\$ 1,133 bilhão em Goiás, desempenho menos ruim do que a média dos desembolsos no País, que sofreram redução de 12,7% no mesmo período.

LADEIRA ABAIXO

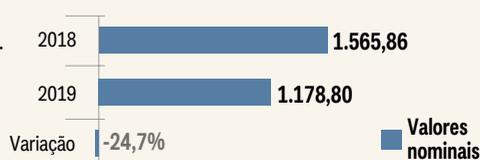
(Procura por créditos do BNDES em Goiás, valores em R\$ milhões)



PERDAS AMPLIADAS

(Consultas ao BNDES em Goiás entre janeiro e setembro de cada ano, valores em R\$ milhões)

Fonte: BNDES



perfil de baixa especialização e reduzida sofisticação em sua estrutura produtiva. A pesquisa confirma o avanço do emprego nos setores mais relacionados aos serviços e a perda de espaço e relevância para a indústria em geral (destacadamente, no caso, para a indústria de transformação, que tem dado mostras seguidas de certa incapacidade para retomar taxas de crescimento mais alentadas).

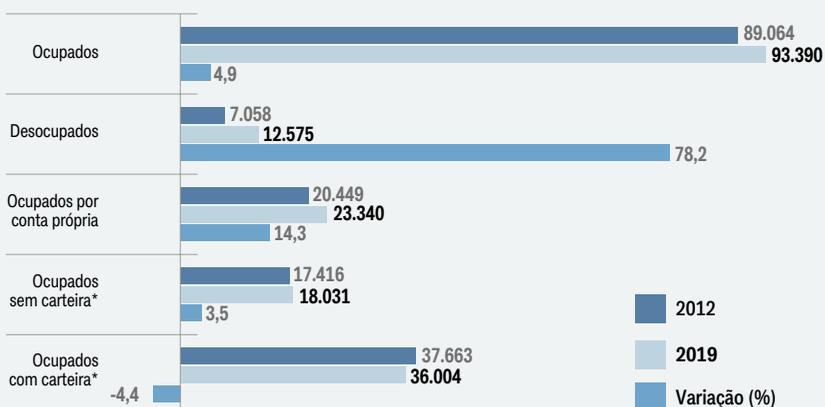
Na média do ano passado, a economia gerou mais 1,819 milhão de empregos em relação a 2018, já que o total de pessoas ocupadas (sempre considerando dados médios para cada um dos períodos analisados) avançou de 91,571 milhões para 93,390 milhões, numa variação próxima de 2,0%. O setor de serviços, incluindo os segmentos de comércio e reparação de veículos e motos, foi responsável por 87,4% dos novos empregos surgidos entre um ano e o seguinte. No comércio e nas oficinas, surgiram apenas 190,0 mil novas vagas, com o total de empregados variando em torno de 1,1% (de 17,489 milhões para 17,679 milhões). Nos demais serviços, no entanto, o crescimento aproximou-se de 3,0%, acima do ritmo médio de avanço indicado para o total de ocupados. Nessa área, o número de empregados passou de 47,128 milhões para 48,527 milhões, com abertura de 1,399 milhão de empregos adicionais (ou seja, 76,9% de todas as novas oportunidades de trabalho surgidas no período).

Somados, outros serviços, comércio e reparação de veículos e motos passaram a representar 70,9% do total de pessoas com algum tipo de ocupação em todo o mercado, relação que havia sido de 65,45% em 2012. Em sete anos, os serviços abriram 7,906 milhões de empregos, o que significa dizer que todos os demais setores dispensaram 3,580 milhões de trabalhadores, já que o número total de ocupados registrou acréscimo de 4,326 milhões no mesmo intervalo, crescendo 4,86%. Apenas para registro, o setor de serviços (comércio in-



INFORMALIDADE IMPULSIONA EMPREGO

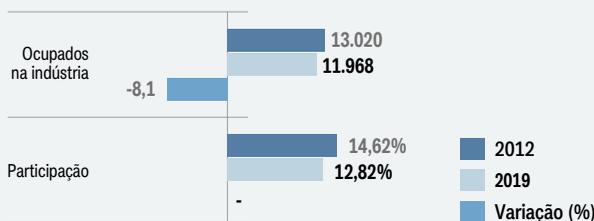
(Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, valores médios por ano, em milhares)



(Inclui empregos dos setores privado e público e trabalhadores domésticos)
Fonte: IBGE

O RECUE DA INDÚSTRIA

(Total de pessoas ocupadas no setor industrial, em milhares, e participação no total de ocupados)

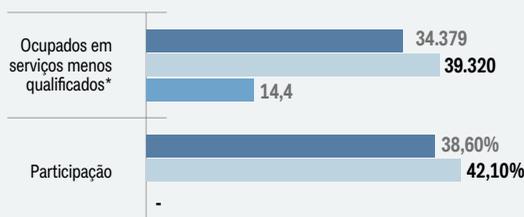


Fonte: PNADC/IBGE



E O AVANÇO DE EMPREGOS MENOS QUALIFICADOS

(Total de ocupados em serviços de menor sofisticação, em milhares, e participação no total de ocupados)



Fonte: PNADC/IBGE



cluído) passou a empregar, na média de 2019, em torno de 66,206 milhões de pessoas, o que se compara com 58,3 milhões em 2012, correspondendo a um aumento de 13,56%.

Entre os serviços de menor sofisticação, que incluem comércio, transporte, bares, restaurantes e hotéis, serviços domésticos e outros, o número de ocupados aumentou 14,37% entre 2012 e 2019, saindo de 34,379 milhões para 39,320 milhões (4,941 milhões a mais, portanto). Sua participação no total de ocupados avançou de 38,6% para 42,1%. Desconsiderando-se esses segmentos, o restante da economia reduziu o total de empregados de 54,685 milhões para 54,070 milhões (1,1% a menos).

A indústria, que oferece melhor remuneração e empregos que supostamente exigem melhor qualificação, viu sua participação no total de ocupados recuar de 14,62% em 2012, quando empregava 13,020 milhões de pessoas, para 12,82% no ano passado. O total de empregados encolheu 8,08% nessa comparação, para 11,968 milhões (apenas modestamente melhor do que as 11,768 milhões de ocupações geradas em 2018). As empresas do setor chegaram a empregar 13,183 milhões de trabalhadores em 2014, o número mais elevado na curta série histórica da PNADC, iniciada em 2012. Nos cinco anos seguintes, no entanto, a indústria liquidou 1,215 milhão de empregos (em baixa de 9,22%). Diante da nova composição que vem ganhando forma no mercado de trabalho, não chega a surpreender que o rendimento real médio do total de ocupados tenha apresentado virtual estagnação entre 2014 e 2019, numa variação de apenas 0,1% (R\$ 2.327 para R\$ 2.330).

Mercado de trabalho em estagnação

O mercado de trabalho entrou em estagnação no trimestre final de 2019 em



Perda de espaço: participação da indústria no total de pessoas ocupadas no País cai de 14,6% para apenas 12,8% em sete anos

Goiás, já que o número de pessoas ocupadas parou de crescer na passagem do terceiro para o quarto trimestre. Mesmo assim, o total de desocupados recuou, muito mais porque um número maior de pessoas decidiu abandonar a busca por emprego e retirar-se do mercado, numa decisão que pode vir a ser temporária, se e quando o cenário econômico se mostrar mais animador.

A economia goiana gerou ocupações para 3,406 milhões de pessoas no trimestre encerrado em dezembro passado, saindo de 3,407 milhões no trimestre imediatamente anterior. O número de desocupados caiu 4,2%, recuando de 414,0 mil para 396,0 mil, refletindo um aumento no número de pessoas fora do mercado (ou fora da “força de trabalho”, quer dizer, que deixaram de procurar emprego por algum motivo). Esse

total passou de 1,910 milhão para 1,923 milhão de pessoas (14,0 mil a mais, numa variação de 0,7%). A taxa de desemprego, dessa forma, recuou levemente de 10,8% para 10,4% e manteve-se acima dos níveis registrados no final de 2018 (8,2%).

Antes da crise, no final de 2013, o desemprego havia alcançado a taxa mais baixa da série, iniciada um ano antes, ao desabar para apenas 4,0% no Estado, conforme mostram as estatísticas da PNADC. Os sinais do final de 2019 mostram um mercado em lenta recuperação, na verdade quase parando, e ainda com indicadores de desemprego superiores ao do ano anterior. O número de desocupados experimentou salto de 32,1% entre o trimestre final de 2018 e igual período de 2019, saindo de 300,0 mil (ou 8,2% da população na força de trabalho) para 396,0 mil.



O comportamento do emprego nos dois últimos trimestres de 2019 se aproxima muito mais do observado em 2015. Com a economia em recessão, o total de pessoas com alguma forma de ocupação ficou igualmente estagnado naquele ano (mais precisamente, houve recuo de 0,2% para quem gosta de preciosismos estatísticos). Em 2018, ao contrário, esse número havia crescido 1,1%, saindo de 3,324 milhões de ocupados no terceiro trimestre para 3,359 milhões no quarto (35,0 mil a mais). Na série histórica recente, houve recuo apenas em 2015 e 2017.

As comparações entre o quarto trimestre de 2019 e o mesmo período de 2018 mostram algum avanço do emprego e, ao contrário de trimestres anteriores, com maior contribuição das contratações com registro em carteira. O dado menos pro-

missor esteve novamente na qualidade dos empregos criados, com elevada contribuição de ocupações de menor qualificação e perda de espaço da indústria, onde os empregos exigem maior preparo técnico e pagam melhor.

Os serviços de menor qualificação, incluindo ocupações em bares, restaurantes, hotéis, transportes em geral, comércio e serviços domésticos, entre outros, empregaram 1,522 milhão de trabalhadores no último trimestre do ano passado, o que correspondeu a um incremento de 1,67% em relação ao terceiro trimestre e a uma alta de 6,3% frente ao quarto trimestre de 2018. O total de ocupados naquelas áreas passou a representar 44,7% de todas as pessoas ocupadas no Estado, diante de 42,6% no trimestre final de 2018, quando esse número esteve mais próximo de 1,432 milhão. Nesse intervalo, quer dizer, até o final de 2019, esse tipo de ocupação gerou 90,0 mil empregos novos.

Para comparação, considerando todos os setores de atividade, o número de ocupados cresceu apenas 1,4% naquele mesmo período, saindo de 3,359 milhões para as 3,406 milhões de pessoas já mencionadas. Ou seja, foram geradas 46,0 mil novas ocupações, de acordo com o IBGE. Descontados os serviços de baixa qualificação, portanto, o restante dos ocupados sofreu queda de 2,2%, baixando de 1,927 milhão para 1,884 milhão.

A rápida acomodação da inflação

Superado o “minichoque” de preços no final de 2019, quando a alta das carnes, dos jogos de azar e dos combustíveis lançou o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE, para 1,15% apenas em dezembro, os cenários atuais antecipam a perspectiva de que a inflação se mantenha abaixo do centro da meta por mais um ano. Na média das projeções registradas pelo Relatório Focus, do BC,

A “VÍTIMA” PRINCIPAL

Também em Goiás, a indústria em geral foi a principal “vítima” da deterioração do emprego. O setor, que chegou a responder por 16,1% do total de pessoas ocupadas no Estado no terceiro trimestre de 2012 (um recorde na série da PNADC para Goiás), fechou 75,0 mil vagas desde então, reduzindo o total de pessoas empregadas para 419,0 mil no final de 2019.

Na comparação com os 494,0 mil empregados entre julho e setembro de 2012, o tombo foi de 15,2%. A indústria passou a participar com apenas 12,3% sobre o total de ocupados. Mais grave: o emprego no setor caiu 8,6% na saída do terceiro para o quarto trimestre de 2019, encolhendo 5,5% em relação ao trimestre final de 2018. Esse comportamento tem se refletido sobre o rendimento médio real (já ajustado com base na inflação), que sofreu baixa de 1,5% entre 2018 e 2019 (sempre no quarto trimestre), saindo de R\$ 2.173 para R\$ 2.141 (comportamento influenciado ainda pela aceleração da inflação no final do ano passado).



MENOR DESDE 2016

(Total de pessoas ocupadas no setor industrial, em mil pessoas, no quarto trimestre de cada ano)

Período	Total de ocupados
2014	484,0
2015	408,0
2016	409,0
2017	447,0
2018	443,0
2019	419,0

Fonte: PNADC/IBGE

MENOR VARIAÇÃO DA MASSA SALARIAL

O baixo crescimento dos rendimentos médios (0,34% na comparação com o trimestre final de 2018) limitou o avanço da massa total de rendimentos a 2,47% (de R\$ 211,057 bilhões para R\$ 216,262 bilhões, num acréscimo de R\$ 5,205 bilhões). Foi a menor variação real para o período desde 2016, quando houve recuo de 1,1% e perda de R\$ 2,120 bilhões na soma de todos os rendimentos pagos aos trabalhadores. Em 2018, na mesma comparação, a alta havia sido de 2,75%, refletindo ganho real de R\$ 5,642 bilhões.

Em Goiás, a massa de rendimentos, também em termos reais, praticamente não se moveu, saindo de R\$ 7,201 bilhões no quarto trimestre de 2018 para R\$ 7,212 bilhões nos três meses finais do ano passado (mais 0,2%). Em 2018, comparado ao último trimestre de 2017, houve recuo de 0,5%, supondo-se alguma melhora no período seguinte, embora muito tímida. No quarto trimestre de 2017, a soma de todos os rendimentos do trabalho havia registrado salto de 9,1%, acrescentando R\$ 604,0 milhões à renda das famílias (em 2019, esse acréscimo ficou limitado a R\$ 11,0 milhões). O fato é que a massa de rendimentos continuava 1,1% mais baixa do que nos três meses finais de 2014, com perda de R\$ 79,0 milhões.

ABAIXO DOS NÍVEIS DE 2014

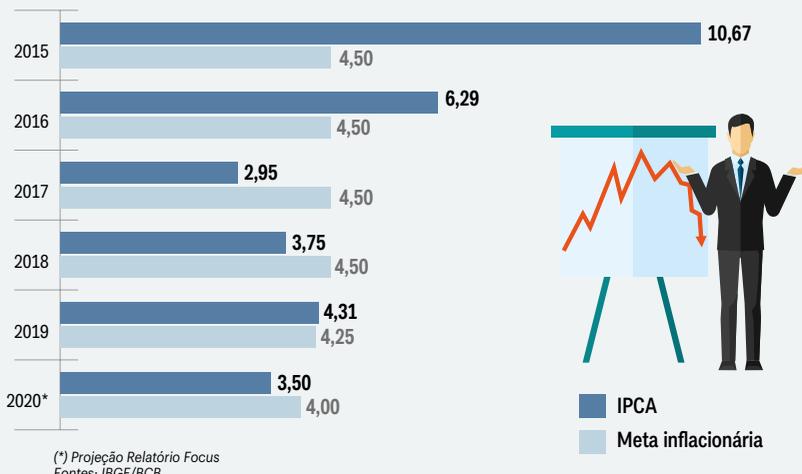
(Massa real de rendimentos do trabalho, valores em R\$ milhões no quarto trimestre de cada ano)

Período	Massa de rendimentos
2014	7.291
2017	7.235
2018	7.201
2019	7.212

Fonte: PNADC/IBGE

ABAIXO DA META

(IPCA acumulado em 12 meses e metas inflacionárias anuais, em %)



as expectativas convergiam, na segunda semana de fevereiro, para uma taxa em torno de 3,50% diante de meta estabelecida em 4,0% nos 12 meses de 2020.

“Num contexto de abundância de liquidez (ou seja, de elevada oferta de recursos na economia global) e juros próximos de zero no mundo, a taxa de câmbio no Brasil deve se estabilizar acima dos R\$ 4,00, que, associada à lenta recuperação de atividade, deve manter a inflação na casa dos 3,5% em 2020 e, provavelmente, em 2021”, avalia Paulo Gala, diretor-geral da Fator Administração de Recursos e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em São Paulo.

Diante desse quadro, o BC anunciou em fevereiro ainda o que parece ter sido a última rodada de cortes na taxa básica de juros, reduzida então para 4,25%, seu menor nível histórico. Mantida nos níveis atuais, a taxa básica sinaliza a possibilidade de juros reais próximos a 0,7% nos próximos 12 meses, o que deveria estimular os negócios em geral e mais especificamente os investimentos. Mas o espaço para a redução dos juros, que tem chegado muito lentamente na ponta dos tomadores de crédito, foi aberto pelo fraco desempenho da economia.

O Depec do Bradesco, por exemplo, decidiu manter sua previsão em 3,6% para o IPCA deste ano, mesmo admitindo, em relatório recente, que a taxa pode ficar até mesmo abaixo daquele número. A rápida acomodação da inflação em janeiro parece reforçar a avaliação dos economistas do banco. O IPCA desabou para 0,21% naquele mês, marcando a menor inflação para o período desde o Plano Real. A média de “núcleos” do IPCA (indicadores que excluem preços mais voláteis e levam em conta preços de setores mais influenciados pela demanda na economia) caiu de 0,45% em dezembro para 0,26% em janeiro, no acompanhamento do Itaú Unibanco, acumulando variação de 3,10% em 12 meses.

Cenário interrompido

No front internacional, observam Paulo Gala, do Fator, e a equipe do Depec, a trégua aparente entre Estados Unidos e China na disputa comercial aberta pelo presidente Donald Trump ainda em 2019 parecia trazer algum alento para a economia mundial, especialmente para os mercados emergentes. Gala entende que há interesses de ambos os lados em buscar solução para o conflito, ao menos neste



▶ **Aliviando a tensão:** Vice premier chinês, Liu He, e o presidente Donald Trump, dos Estados Unidos, firmam acordo comercial em 15 de janeiro deste ano

momento. “Trump não vai criar instabilidade econômica em ano de eleições e os chineses também têm interesse em resolver o assunto, por ora. No momento, os EUA são a única economia rica que ainda cresce, mas também dá sinais de desaceleração”, observa o economista.

De acordo com ele, mesmo diante da “massiva expansão monetária” promovida pelos bancos centrais (com emissão de trilhões de dólares para recomprar ativos problemáticos e irrigar a economia), “houve queda nas expectativas inflacionárias e as ações de política monetária não geraram os impactos antecipados”. Conforme Gala, os empregos gerados nos Estados Unidos – e que ajudaram a derrubar a taxa de desemprego naquele país para níveis historicamente reduzidos – “têm se concentrado em serviços de baixa sofisticação e baixa produtividade, além do boom de gás e petróleo de xisto que parece

chegar ao fim. O pouco de investimento que se observou esteve ligado ao setor de energia e a alguma retomada do mercado imobiliário”.

O baixo crescimento na Área do Euro, limitado a 0,9% neste ano, na projeção do Itaú Unibanco, e a crise na Argentina, que deverá experimentar retração de 3,0% em 2019 e de 1,5% neste ano, continuarão afetando negativamente as exportações brasileiras, principalmente na área de manufaturados, dificultando uma reação da indústria aqui dentro. Mencionando um episódio mais recente, o Depec avalia que “o quadro favorável que se desenhava no início do ano fica temporariamente interrompido até que se conheça a extensão da epidemia de coronavírus. Repetindo-se o padrão de dissipação de outras epidemias recentes, a economia global tende a continuar em sua trajetória de recuperação nos trimestres à frente.” ■

“ Os empregos gerados nos Estados Unidos têm se concentrado em serviços de baixa sofisticação e baixa produtividade, além do boom de gás e petróleo de xisto que parece chegar ao fim. O pouco de investimento que se observou esteve ligado ao setor de energia e a alguma retomada do mercado imobiliário ”

.....
PAULO GALA, diretor-geral da Fator Administração de Recursos



Alex Matheiros

Sob o olhar da imprensa



► Katherine Alexandria, do O Popular, recebe prêmio de Sandro Mabel, Paulo Vargas, João Carlos Gouveia, Humberto Oliveira e Sandra Tokarski Persijn: reportagem *Indústria ensaia retomada por conta própria* foi a vencedora na categoria Jornalismo Impresso

Realizado desde 2005, Prêmio Fieg de Comunicação recebe este ano 30 reportagens de diferentes mídias, cuja pauta repercute ações do Sistema Indústria voltadas ao crescimento do setor produtivo

A perspectiva de retomada econômica, a piora no ambiente de negócios sob efeitos da redução de incentivos fiscais e as estratégias de parcerias para busca por qualificação profissional dominaram o 14º Prêmio Fieg de Comunicação, encerrado em dezembro, durante confraternização com a imprensa, na Casa da Indústria.

Educação básica e profissional, tecnologia e inovação, expertises do Sesi e Senai,

foram temas predominantes nos 30 trabalhos jornalísticos inscritos, distribuídos em cinco categorias – Jornalismo Impresso (4), Fotojornalismo (10), Radiojornalismo (5), Telejornalismo (7) e Wejornalismo (4), estreante no concurso. A premiação totalizou R\$ 35 mil em dinheiro. Os primeiros colocados em cada uma das categorias receberam, ainda, o troféu Estrela Prisioneira (um cubo de bronze usinado dentro de outro), símbolo histórico do processo de

ensino-aprendizagem do Senai, por evidenciar excelência em tornearia mecânica.

Nesta edição, **Goias Industrial** publica encarte especial com os trabalhos vencedores. As reportagens foram avaliadas por uma banca integrada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás, Cláudio Curado, professoras Angelita Pereira de Lima, da UFG, Maria Carolina Goos (PUC Goiás), José Edward Lima, superintendente de Jornalismo da CNI, André Rocha, vice-presidente da Fieg, Paulo Vargas (Sesi e Senai), Humberto Oliveira (IEL) e Dehovan Lima (Fieg).

OS VENCEDORES POR CATEGORIA

Reportagem	Categoria	Autor	Veículo	Pódio
Indústria ensaia retomada por conta própria	Jornalismo Impresso	Katherine Alexandria	O Popular	1º lugar
Indústria à procura de técnicos	Jornalismo Impresso	Lúcia Monteiro	O Popular	2º lugar
Indústria ensaia retomada por conta própria	Fotojornalismo	André Costa	O Popular	1º lugar
Indústria de confecções é destaque	Fotojornalismo	Wesley Costa	O Hoje	2º lugar
Estudantes de Goiás inventam chiclete para astronauta	Telejornalismo	Juliana Lopes do Nascimento	TV Anhanguera	1º lugar
Indústria 4.0: A tecnologia e a formação como caminhos para o desenvolvimento	Telejornalismo	Kamylla Rodrigues	TV Brasil Central	2º lugar
Uma manhã com os robôs do Sesi	Webjornalismo	Bárbara Falcão	CBN Goiânia	1º lugar
Indústria da moda goiana busca se fortalecer no mercado nacional	Webjornalismo	Fernando Dantas	A Redação	2º lugar
Ensino profissionalizante, educação que muda histórias	Radiojornalismo	Luzeni Gomes	Rádio Brasil Central	1º lugar
Jovens buscam qualificação com o intuito de preencher vagas ociosas no mercado de trabalho goiano	Radiojornalismo	José Bonfim	CBN Goiânia	2º lugar

CONQUISTAS – Ao entregar as premiações aos vencedores, o presidente da Fieg, Sandro Mabel, fez um balanço positivo das atividades desenvolvidas pelas instituições da indústria em Goiás, salientando que o todo o trabalho é bancado por recursos próprios oriundos da contribuição de seus acionistas (as empresas), sem dinheiro de governos, à exceção de uma ou outra parceria.

Ele ainda manifestou otimismo com a conjuntura do País e do Estado, diante de sinais de uma retomada econômica em curso, e elencou as conquistas alcançadas no primeiro ano de sua gestão à frente da Fieg, sustentada

em três pilares: estímulo à verticalização da produção de grãos e de minérios e ações para transformar o Estado em polo de referência nos setores de vestuário, calçados, acessórios e cosméticos.

“Nossas propostas são simples porém ousadas: vamos prover as indústrias de ferramentas e mão de obra capacitada para buscar maior competitividade e amenizar os impactos negativos causados pelo corte de incentivos fiscais e pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) criada pela Assembleia para investigar a política de atração de investimentos no Estado, largamente sustentada pela concessão de benefícios tributários”, salientou.

Como forma de tentar compensar esses efeitos, Sandro Mabel disse ter determinado a todo o Sistema Fieg que redobre esforços para atender à indústria. “Todos nós temos que ver tudo o que podemos fazer pelos empresários, para eles terem mais competitividade e capacidade para crescer. Vamos correr atrás deles e ajudá-los. Já que eles estão perdendo incentivos e para que não fechem as empresas, vamos agir, levando melhorias para eles.”

Veja o balanço completo das atividades da Fieg, Sesi, Senai e IEL na reportagem especial da revista Goiás Industrial de dezembro.





Matéria publicada em 20/10/2019

Indústria ensaia retomada por conta própria



VOLTA POR CIMA Mesmo em cenário desfavorável, setor encontra na modernização e profissionalização caminho para retomar crescimento

Katherine Alexandria
Fotos: André Costa

A conta ainda não fecha. Racionalizar custos e gastos e oferecer melhores produtos por preços competitivos são tarefas desafiadoras no contexto de retomada econômica. Mas a indústria tem ensaiado uma recuperação em Goiás, mesmo que por conta própria, sem certezas, por exemplo, de que não haverá mais mudanças nos incentivos fiscais. Somente em 2019, até setembro, 10.418 novas unidades industriais foram abertas, segundo dados da Junta Comercial do Estado (Juceg).

Número elevado, porém, também é o de fechamentos. Foram 3.755 nos primeiros nove meses do ano. Tanto abertura como encerramento de atividades industriais já superaram os valores registrados durante todos os meses de 2017 e de 2018. Na gangorra, a busca por equilíbrio para muitos empresários no Estado tem se ancorado em modernização e na qualificação da mão de obra da fábrica.

Tanto que parcerias oferecidas pelo Sistema Indústria em Goiás tiveram aumento desde o início da crise econômica, em 2014. Cursos, rodadas de negócios e missões inter-

nacionais ampliaram o número de participantes. A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) atendeu, nos últimos quatro anos, mais de 289 empresas de todos os portes que visavam à internacionalização.

Desde a busca por novas tecnologias até o comércio de produtos no exterior, diversos segmentos se abriram para novidades. Outro indutor de produtividade e competitividade, os cursos para qualificação de mão de obra também tiveram maior procura diante da demanda. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) formou 42,48% mais alunos no ano passado do que em 2014. Foram 133.491 concluintes em 2018.

EM EXPANSÃO

Investimentos em consultorias, softwares para gestão e maquinário e capacitação da equipe também foram pilares para que a indústria de tintas Leinertex conseguisse crescer mesmo diante da crise econômica, segundo o sócio-proprietário Antônio Abrantes Júnior. A empresa constrói uma nova planta industrial



► Sócio-proprietário da Leinertex, Antônio Abrantes Jr., na matriz em Aparecida de Goiânia: otimismo para investir

em Aparecida de Goiânia, 100% automatizada e que deve ficar pronta em dois anos.

Com cerca de R\$ 60 milhões de investimentos, a unidade promete gerar 300 empregos diretos e 900 indiretos.

O otimismo para investir, conforme o empresário explica, estaria na expectativa de voltar a crescer em patamares semelhantes aos registrados antes da crise iniciada há cinco anos. Porém, considera necessário “estabilidade maior do governo e da economia e que as mudanças e reformas sejam realizadas”.

Discussões de leis que visam alterar ou reduzir incentivos fiscais e debates acirrados sobre o tema preocupam. “A Leinertex entende que as mudanças são necessárias, mas o impacto das mesmas atrapalham a nossa competitividade, capacidade de investimento perante às indústrias e multinacionais alocadas fora de Goiás”, diz Abrantes.

A empresa vivencia as mudanças no se-



tor desde os anos 1970, quando foi inaugurada. E Abrantes lembra que os incentivos ao longo dos anos foram o motor que impulsionou a indústria goiana para gerar empregos e riquezas para o Estado.

“Mesmo diante das dificuldades, as que se mantêm aqui em crescimento são aquelas que têm suporte nos incentivos fiscais”, pontua o presidente da Fieg, Sandro Mabel.

Mesmo que reduza ao máximo os custos e otimize a operação, Mabel alerta que é possível que muitas deixem o Estado em busca de regiões que ofereçam melhores condições nos próximos anos, caso o Estado reduza os benefícios. “Há um momento em que as empresas começam a achar que o Brasil vai crescer e buscam novas localizações. Quando corta incentivo, não tem o que fazer e sim aumentar o preço, o que aumenta o faturamento e é onde começa a perder o mercado.”

O caminho pode começar a ser o inverso

do vivenciado nas últimas décadas, quando o Centro-Oeste, com destaque para Goiás, atraiu grandes fabricantes que estavam no Sudeste. O subsecretário de Atração de Investimentos e Negócios da Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços (SIC), Adonídio Neto Vieira Júnior, discorda. Para ele, o Estado continua atrativo, pois alterações em vigor impactaram poucos.

Falta de confiança é principal obstáculo ao crescimento, diz presidente da Siaeg

Indicadores da atividade industrial em Goiás começaram a melhorar nos últimos meses. Porém, o setor ainda está abaixo do período pré-crise. O faturamento, segundo dados da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg), apresentou variação positiva de 2,86% até agosto em comparação com 2018. Só que

a falta de confiança ainda deixa no negativo o emprego, a massa salarial e as horas trabalhadas. Isso porque ainda se ensaia uma retomada.

O presidente do Sindicato das Indústrias da Alimentação de Goiás (Siaeg), Antônio Benedito dos Santos, pontua que é preciso procurar alternativas, modernizar e flexibilizar. Com a Reforma Trabalhista, ele avalia que houve auxílio para dar condições às empresas para criar novas estratégias, por exemplo. Porém, instabilidades ainda preocupam o setor e, conforme defende, é preciso confiança para voltar a utilizar toda a capacidade, empregar mais e crescer no futuro.

“A questão dos incentivos fiscais preocupa”, cita sobre o tema sensível ao Estado para auxiliar na retomada. O subsecretário de Atração de Investimentos e Negócios da Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços (SIC), Adonídio Neto Vieira Júnior, afirma que ►

a preocupação é legítima, pois “qualquer mudança preocupa o investidor”. Ele garante, por outro lado, que o governo está empenhado para não deixar Goiás perder competitividade. Com a redução ocorrida este ano nos incentivos, ele explica que o impacto não foi igual para todos os segmentos. “Goiás tem vantagens no cenário nacional e o investidor tem voltado a ter apetite com queda de juros.” Apesar disso, no Ranking de Competitividade dos Estados, divulgado dia 18 de outubro pelo Centro de Liderança Pública (CLP), Goiás caiu três posições e é o 13º do País. A solidez fiscal foi fator preponderante.

Clima propício para contratação qualificada

A indústria em Goiás foi responsável pelo estoque de emprego formal de mais de 302,8 mil pessoas em 2018, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério da Economia. Em momento de recuperação, o clima propício para aumentar as contratações e a força do setor para a economia também encontram a necessidade de formação da mão de obra.

“Temos pessoas treinadas no Senai que têm nos dado apoio bom e mais eficiência”

.....
ANTÔNIO BENEDITO DOS SANTOS, fundador e presidente do Conselho da Creme Mel

Se o clima esquenta, o fundador e presidente do Conselho da Creme Mel Sorvetes, Antônio Benedito dos Santos, comemora. As vendas aumentam e é preciso ter trabalhadores preparados.

Ele explica que, durante a crise econômica, a empresa buscou alternativas para diminuir despesas sem alterar qualidade. Reorganizou a conta de energia, que ficou mais barata ao migrar para o mercado livre, até a logística com fluxo de caminhões mais eficientes.

Nos últimos anos, a empresa terceirizou a parte comercial e logística e flexibilizou parte dos trabalhos. “Temos pessoas treinadas no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) que têm nos dado apoio bom e mais eficiência”, pontua. Ele explica que quando o clima esquenta, é preciso aumentar o número

de trabalhadores e a qualificação fez diferença.

Em outro segmento industrial, empresa desenvolvedora de soluções de tecnologia para gestão de pessoas tem como maior desafio encontrar profissionais qualificados. Com projeção de crescimento de 20% para este ano, a presidente da LG Lugar de Gente, Daniela Mendonça, diz que há dificuldade na área de tecnologia. Uma dificuldade que, segundo o diretor regional do Senai em Goiás, Paulo Vargas, é resultado de uma complexidade do mercado.

Com avanço tecnológico, essencial para crescer e ganhar produtividade, aumenta a demanda por carreiras técnicas e técnicos com boa qualificação, conforme explica. Segundo ele, há necessidade de ajudar a indústria a resolver problemas e inovar. Assim, o perfil dos trabalhadores precisa de uma formação mais ampla.

“Para não perder competitividade precisa ter bom quadro de recursos humanos.” Paulo Vargas pontua que as empresas despertaram e hoje as carreiras técnicas têm uma importância maior do que tinham.

Como consequência, há reflexos na empregabilidade para o trabalhador que busca formação. De 2015 até agosto de 2019, o Senai ofertou no Estado 2.845 cursos de aprendizagem básica até graduação. A habilitação técnica de 2017 a 2019 já garantiu taxa de ocupação de 73% para egressos no mercado de trabalho em Goiás. E a graduação tecnológica, 91%.

Além de trabalho em indústria, a capacitação também tem auxiliado a surgir pequenas indústrias. A área que concentra maior abertura de empresas é a confecção e maior profissionalização, de acordo com o presidente Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas), Edilson Borges de Sousa, tem auxiliado no fortalecimento do setor. “Movemos um polo muito grande e que gera muito emprego em Goiás”, conclui. ■



▶ Antônio Benedito, da Creme Mel Sorvetes, precisa de trabalhadores preparados para não perder vendas



► **Adeilton Silva dos Santos, líder de Produção da GSA Alimentos:** qualificação contínua para alcançar novos postos

Indústria à procura de técnicos



Matéria publicada em 13/10/2019



QUALIFICAÇÃO Com interesse crescente pela educação superior, sobram vagas para cargos que exigem nível técnico; número de matrículas em cursos do Senai caiu quase 30% em quatro anos

.....
Lucia Monteiro
lucia.monteiro@opopular.com.br

Enquanto o desemprego continua preocupando o País, o setor industrial tem muitas oportunidades para bons técnicos em diversas áreas, mas dificuldade para contratar. Nas duas últimas décadas, indústrias de diversos segmentos se instalaram no Estado e elevaram a demanda por profissionais com estes conhecimentos. Mas, ao mesmo tempo,

os jovens estão perdendo o interesse pelas carreiras técnicas e buscando mais uma formação superior, o que tem gerado uma demanda reprimida em muitas empresas.

O número de matrículas nos cursos técnicos de nível médio no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) caiu quase 30% nos últimos quatro anos, enquanto a

procura pelos cursos de nível superior aumentou mais de 27%. O reflexo disso foi mostrado em uma pesquisa da Consultoria Manpower-Group, que concluiu que cargos que exigem habilidades técnicas específicas são os postos que as empresas mais têm dificuldades para preencher hoje no Brasil.

Mas isso pode ser um grande equívoco dos jovens. O estudo “Educação profissional e mercado de trabalho: ainda há muito a avançar”, feito pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), em 2018, mostrou que um trabalhador que concluiu um curso técnico ou de qualificação profissional recebe, em média, um rendimento 20% maior que outro com escolaridade semelhante. ▶

A boa notícia é que existem oportunidades à vista. O Mapa do Trabalho Industrial, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), mostrou que Goiás terá que qualificar quase 323 mil trabalhadores até 2023 para suprir a perspectiva de demanda da indústria local, diante da expectativa de retomada do crescimento econômico. Isso é mais do que os 305 mil que já trabalham no setor.

INOVAÇÃO

Para os empresários da indústria, hoje, os cursos de formação e capacitação precisam ter foco na inovação, pois as empresas ainda têm dificuldade para contratar pessoas com conhecimento em tecnologia. O alerta é do presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg), Heribaldo Egídio, que lembra que o perfil do emprego está mudando rapidamente.

Segundo ele, houve a evolução proporcionada pelos softwares, que eliminam a complexidade administrativa, mas há uma carência por profissionais para gestão da Tecnologia da Informação (TI). “Hoje, as empresas têm TI, programadores e desenvolvimento de softwares, mas falta gestão para tudo isso”, adverte o empresário. Neste novo cenário, cursos como Marketing Digital, Internet nas Nuvens, Big Data e Defesa Cibernética ganham cada vez mais importância.

Heribaldo alerta para a acelerada evolução tecnológica nos dias atuais. “Hoje, não é mais possível montar uma linha de produção com a mesma tecnologia de cinco anos atrás. Tudo muda muito rápido”, ressalta. A constante chegada de maquinário mais avançado às linhas de produção exige técnicos mais capacitados e mais bem remunerados. Ele dá o exemplo de sua própria indústria, a EquiPLEX, que adquiriu uma linha de produção por cerca de R\$ 4 milhões e precisou enviar o programador responsável para capacitação na Alemanha. “Não é mais possível pegar um funcionário que operava um sistema antigo e colocá-lo num equipamento totalmente novo

“A constante chegada de maquinário mais avançado às linhas de produção exige técnicos cada vez mais capacitados”

HERIBALDO EGÍDIO, presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico da Fieg



sem uma preparação”, adverte o empresário.

Daí, a necessidade de cursos voltados para inovação em vários segmentos industriais presentes no Estado, como farmacêutico e o alimentício, que evoluem rapidamente. Até mesmo indústrias que operam linhas mais antigas hoje passam por uma transição em busca de mais rentabilidade e competitividade, por isso estão investindo pesado em tecnologia. Para Heribaldo, os empregos existem, mas ainda faltam pessoas capacitadas para ocupá-los.

Exemplos de profissionais que conseguiram crescer junto com as empresas onde trabalham através da qualificação não faltam. Adeilton Silva dos Santos começou como auxiliar de produção, há seis anos, na indústria de alimentos GSA. De lá pra cá, fez vários cursos, como informática, Excell, liderança e arte de falar em público. Foi galgando posições na empresa até chegar a Líder de Produção. Hoje, cursa Gestão de Produção Industrial. Seu próximo objetivo é se tornar supervisor de produção. “Quero continuar crescendo. Mas, com certeza, sem me qualificar sempre, não teria conseguido chegar tão longe”, reconhece.

Diversidade industrial cria novas oportunidades

Menosprezar os cursos técnicos pode ser um grande erro. Para o diretor regional do Senai, Paulo Vargas, os jovens cometem um engano ao focarem apenas na formação superior e não valorizarem mais as carreiras técnicas. Ele lembra que bons técnicos em áreas como Eletromecânica, Eletrotécnica, Alimentos e Mineração hoje têm muito mais chances de empregabilidade do que os saídos de um curso superior. “As empresas precisam muito mais desse pessoal com formação técnica, em áreas como logística e produção de açúcar e álcool, por exemplo. A maior diversidade industrial do Estado ampliou as oportunidades em diversos segmentos produtivos”, ressalta.

Na visão de Paulo Vargas, existem muitos cursos, mão de obra com alto potencial e oportunidades. O que falta é só buscar a qualificação. Diante da carência de mão de obra capacitada, algumas empresas chegam a contratar primeiro para, depois, qualificar os trabalhadores, através de parcerias com o Senai. “As empresas estão investindo na preparação de seus recursos humanos porque, sem pessoas qualificadas, não terão a produtividade que precisam e perderão mercado. Elas nos procuram e elaboramos um plano de capacitação, identificando suas demandas”, explica.

A Enel Distribuição Goiás está investindo na formação de eletricitistas em todo o Estado, através de uma parceria com o Senai, onde estão sendo oferecidos cursos técnicos gratuitos para os interessados em trabalhar em rede elétrica. A companhia investiu cerca de R\$ 500 mil na construção de oito centros de treinamento em unidades do Senai e outros R\$ 2 milhões serão investidos nos cursos para a formação de eletricitistas. As aulas ocorrem em oito municípios e a expectativa é formar profissionais e criar um banco de candidatos que poderão preencher futuras vagas. Em setembro, foram iniciadas duas turmas, com 25 alunos cada, no Senai Ítalo Bologna, em Goiânia. A previsão da Enel é que cerca de 170 eletricitistas sejam formados até dezembro. ■



Alunos do Sesi Canaã inventores da goma de mascar para astronautas, durante recepção festiva em Goiânia: experiência foi premiada em mundial na Nasa, nos EUA

A goma de mascar de pimenta para astronauta e as transformações da Indústria 4.0



A notícia no Jornal Nacional, da Rede Globo, apresentada com destaque por William Bonner e Renata Vasconcellos, parecia o prenúncio da vitória de um grupo de sete estudantes do ensino médio do Sesi Canaã, em Goiânia, no Mundial de Robótica de West Virgínia (EUA), realizado em julho. E era mesmo! A reportagem *Estudantes de Goiás inventam chiclete para astronauta*, sobre a experiência premiada no torneio da Nasa, a agência espacial americana, deu a Juliana Lopes do Nascimento, da TV Anhanguera, o

primeiro lugar no 14º Prêmio Fieg de Comunicação. Em segundo, ficou Kamylla Rodrigues, da TV Brasil Central, com *Indústria 4.0: a tecnologia e a formação como caminhos para o desenvolvimento*.

A experiência dos garotos também inspirou Bárbara Falcão, da CBN Goiânia, a produzir a reportagem *Uma manhã com os robôs do Sesi*, vencedora na categoria Webjornalismo, seguida de Fernando Dantas, do blog A Redação, com *Indústria da moda goiana busca se fortalecer no mercado nacional*.

Na categoria Radiojornalismo, os vencedores foram Luzeni Gomes, da Rádio Brasil Central, com *Ensino profissionalizante, educação que muda histórias*; e José Bonfim, da CBN Goiânia, com *Jovens buscam qualificação com o intuito de preencher vagas ociosas no mercado de trabalho goiano*. ■

Confira as reportagens em



Como nascem os campeões de robótica no Sesi

Em reportagem especial, **Goiás Industrial** acompanhou os bastidores da preparação intensa de alunos para a disputa de mais um Torneio Nacional de Robótica, em São Paulo, dias 7 e 8 de março, motivados e inspirados por recentes conquistas internacionais, a exemplo do chiclete com pimenta para astronautas

Renata Dos Santos
Fotos: Alex Malheiros

Crianças e adolescentes empolgados em salas de aula que misturam laboratório, oficina e brinquedoteca high tech movimentaram unidades do Sesi e Senai Goiás mesmo em férias escolares, entre dezembro e janeiro, em período integral. Com oito integrantes cada, as equipes se juntaram para criar robôs, aplicativos e soluções capazes de melhorar a “vida real” dos moradores dos centros urbanos.

A reportagem da **Goiás Industrial** percorreu esse universo contagiante das equipes de robótica do Sesi Goiás que se preparam para o Torneio Nacional de Robótica, previsto para março, em São Paulo. Com o tema City Shaper (Modelando Cidades), a disputa deste ano desafia os participantes a resolverem problemas, retrato da educação interdisciplinar que une teoria e prática, uma exigência do mercado de trabalho e da indústria 4.0.

Ao criarem o vitorioso chiclete de pimenta para astronautas, serem recebidos na Nasa em 2019, premiados em competições internacionais, vencer novamente o campeonato nacional para viver experiências no Oriente Médio, palco de torneios mundiais, dá asas a essas equipes do Sesi e Senai Goiás..

Ao longo dos meses os alunos planejam, constroem e programam robôs com peças Lego para os torneios First Lego League (FLL), robôs terrestres mais robustos para o First Tech Challenge (FTC) e o protótipos de carros de fórmula 1 dentro do F1 nas Escolas. Os jovens precisam cumprir missões previamente definidas que desenvolvem suas habilidades múltiplas.

Em dezembro passado, durante dois dias de provas, 46 equipes reuniram mais de 460 alunos na etapa regional do Torneio Sesi de Robótica First Lego League (FLL), em Goiânia. Dali saíram vencedoras as equipes que vão para o torneio nacional em março. Ao todo, serão seis times de Goiás, dos quais cinco são de unidades do Sesi (Aparecida de Goiânia, Campinas, Canaã e Planalto) e de uma equipe de escola da rede particular de Goiânia, a Escola Internacional, cujo professor de robótica é João Victor Marques, ex-aluno do Sesi.

Elas serão avaliadas por critérios dos mais diversos tipos, como projetos de inovação que envolvam soluções para uma problemática mundial, planejamento, viabilidade e custos dos projetos sociais. Somam pontos ainda busca de patrocínio, pesquisa, trabalho em grupo, prazos,



apresentação e layout. A ponte para isso é a aplicação pelo Sesi de um novo modelo educacional, que também oferece modelo educacional diferenciado com a aplicação prática da ciência e da tecnologia, com foco nas áreas de STEAM (sigla em inglês que reúne as disciplinas Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática).

“Participar dos torneios é uma forma de validar metodologias capazes de preparar corações e mentes para um futuro que já chegou. O robô não é mais importante que o processo de aprendizagem”, destaca a pedagoga Liliane Aleixo, coordenadora regional de robótica do Sesi. Ela explica que o processo de formação diferencia-



► **Equipes Gear Tech e Life Sesi Canaã, com o professor José Nazaré Júnior (agachado, à direita): Sesi colhe resultados**

de Goiânia perto de uma escola pública. O prefeito prometeu levar a robótica para a rede municipal, estou na torcida”, planeja.

Projeto visionário – Em cada unidade visitada pela reportagem, a cena que lembra encontro científico se repetia, bem como os relatos desses estudantes concentrados em seus objetivos. Em vez de rivalidade, as equipes garantem que o clima nos torneios é de festa. Os troféus e prêmios das tropas FLL, FTC e F1 In Schools deixaram de ser sonho de pais ou mestres visionários. Eles são a concretização de um projeto real, que o Sesi iniciou num passado recente e, agora, “colhe os louros”. A opinião é do matemático José Nazaré Júnior, de 39 anos, professor de robótica

do, voltado para o lado humano e para as mudanças e transformações urgentes do mundo, exige que a escola seja mais atraente para o aluno, que “aprende fazendo”, diz.

De ex-aluno a trabalhador na indústria e sonho de ser professor

Francino José Neto, de 17 anos, foi aluno da Educação Básica do Sesi com a Educação Profissional do Senai (Ebep) em Aparecida de Goiânia, fez curso técnico de eletrotécnica e, paralelamente, integrou equipe de alunos de robótica de lá, onde também foi monitor. Ao sair, no fim do

ano passado, ele conseguiu o primeiro emprego no setor de automação industrial de uma indústria de equipamentos hidrossanitários de mármore sintético, em Senador Canedo. “Com a robótica, aprendi a trabalhar em equipe e a me comunicar melhor. Lá aprendi programar as máquinas e descobri que gosto de montagem. Quero fazer faculdade de engenharia mecânica”, revela.

Como monitor, ele treinou alunos para o Torneio Interno de Robótica do Sesi e conferiu vitórias na última etapa regional de FLL. “Isso deu vontade de voltar para a sala de aula e conciliar meu trabalho com o ensino de jovens. Moro em Aparecida

no Sesi Canaã desde 2013, que mediou a conquista de 39 troféus de robótica para a instituição. Suas duas equipes, Gear Tech (FTC) e Life Sesi Canaã (FLL), campeãs dos últimos torneios, idealizaram projetos como o piso adesivo ou vinílico, que sinaliza ambientes internos para deficientes.

Dos brinquedos e exércitos com sabugo de milho, palitos e latinhas que fazia na infância e compara, por analogia, às peças de lego, o professor Júnior se orgulha de ter integrado o primeiro projeto de robótica do Sesi, em 2010, no Sesi Aparecida de Goiânia, quando alunos do EJA desenvolveram um robô que fazia coleta seletiva. Agora, no Sesi Canaã, seu ►

ex-aluno Danlucas Mendonça Ribeiro, de 17 anos, que integrou a equipe vencedora do Mundial nos Estados Unidos com o chiclete com pimenta, segue seus passos. Contratado como estagiário, o jovem quer ensinar o que considera mais importante na robótica: cumprir com seriedade todas as etapas exigidas num projeto, tomar gosto pela pesquisa.

De olho no jamelão, a descoberta de solução capaz de desengordurar o asfalto e evitar acidentes

Recordista de pontuação brasileira da temporada FLL entre unidades do Sesi de Goiás, São Paulo, do Rio Grande do Sul e Nordeste, e outras escolas, a equipe Titans LJ, do Sesi Jardim Planalto, criou o robô Kid Flash. A outra equipe da unidade, a LJ Origens, é dona do robô Shasan. Elas duelam numa mesa retangular aveludada e com laterais cercadas, que abriga os robôs e vários equipamentos urbanos, como uma árvore de lego ou balanço para cadeirante. Ganha o robô que realizar mais tarefas em 2,5 minutos.

Orientadores dessas equipes, o professor de biologia Fernando da Silva Barbosa e a psicóloga Adelayde Morais Silva ressaltam que o interesse dos alunos de robótica ultrapassa as ciências exatas, pois eles pensam o conhecimento como um campo de estudo amplo e levam isso para questões práticas da vida. Prova disso é o projeto que mostraram, com desenvoltura, para a Secretaria Municipal de Trânsito.

Observando a ocorrência comum de acidentes de trânsito em Goiânia relacionados a uma substância liberada pelo jamelão – árvore frutífera presente em 54 ruas da capital –, Lorrany Gonçalves, de 15 anos, e sua equipe Titans descobriram como solucionar o problema das quedas de motoqueiros e derrapagens de carros. “Trituramos a casca de laranja e misturamos com água, de modo que o



limoneno liberado foi capaz de desengordurar o asfalto. Caminhões-pipa poderiam jogar o produto na via pública”, ensina Jordana Kelen, 12.

Fórmula 1 – No Sesi Campinas, a equipe Eagles, que no ano passado ganhou o terceiro lugar na etapa nacional Fórmula 1 nas Escolas, no Rio de Janeiro, este ano almeja o alto do pódio no Torneio Nacional de Robótica e o prêmio maior, o passaporte para o Mundial, em Abu Dabi ou Cingapura, no Oriente Médio. “Este ano imprimimos em 3D um carro mais leve e oco”, revela Augusto Rodrigues, de 14 anos, integrante da Eagles, engenheiro da equipe. Sua professora, a matemática Nádia Freitas, lembra que não basta ter o carro mais rápido para ganhar, é preciso adquirir autonomia. “Eles assimilam conteúdos nem vistos no seu currículo escolar, como física, além de divulgação nas mídias sociais e portfólio”, observa.

Arte e sonhos – Além do universo dos robôs, os alunos descobrem habilidades no campo da arte, da música e do teatro, ao desenvolverem soluções para questões urbanas, sociais e emocionais diversas, como trânsito, saúde e acessibilidade. Mais que os troféus das provas, o prêmio maior é a vivência adquirida durante os treinos e etapas antecessoras dos torneios. A opinião é de Frederico Muniz, professor de física, que comanda as equipes de FLL Alphatec e Robostorm, do Sesi Aparecida.

Sua aluna, Débora Vitória, de 16 anos, enxergou na robótica a chance para crescer. Matriculada no novo ensino médio da instituição, ela diz que “aprendeu equalizar o desempenho do robô com pesquisa e desenvolvimento”. A antropóloga Odete Araújo, também professora do projeto, observa que os alunos incorporam valores ao seu cotidiano, resiliência, inovação e curiosidade.



► Professores Adelayde Morais Silva e Fernando da Silva Barbosa, do Sesi Planalto, à frente das equipes Titans e Origens: interesse dos alunos de robótica ultrapassa as ciências exatas

Adair Prateado Jr, diretor do Sesi Senai Aparecida, explica que os alunos “agarram a oportunidade” da robótica, para tentar mudar realidades de vida e aumentar a autoestima. “Cursar uma faculdade deixa de ser um sonho distante para eles”, destaca. Raissa Uchoa, 16 anos, uma das idealizadoras do Pine Tech, é exemplo de superação. Durante o tratamento de um câncer, ela idealizou um painel metálico tipo um busto para praças públicas. Ligado ao celular por aplicativo, a ideia visa ao resgate de brincadeiras esquecidas e à preservação da saúde mental. “Pesquisamos que uma em cada cinco crianças e adolescentes sofrem de depressão, ansiedade, obesidade, distúrbios alimentares e do sono”, conta Raissa. ■



► Times Alphatec e Robostorm, do Sesi Aparecida, orientados pelos professores Frederico Muniz e Odete Araújo: muito além do universo dos robôs



► Augusto Rodrigues, de 14 anos, engenheiro da equipe da Eagles, do Sesi Campinas, explica ao presidente da Fieg, Sandro Mabel, funcionamento do carrinho de F1



Robotização de processos, nova referência do IEL Goiás

Em seu jubileu de ouro, instituto consolida consultoria em RPA e estima ampliação da aplicação da tecnologia nas empresas goianas

Sérgio Lessa
Fotos: Alex Malheiros

O IEL Goiás completa, em março, 50 anos e, entre outros tantos motivos, comemora o primeiro aniversário de seu mais novo produto, em que também já é referência no Estado, a exemplo do encaminhamento para estágio: a aplicação de robôs para execução de processos – Robotic Process Automation (RPA).

As cinco décadas de experiência proporcionaram maturidade para buscar, a cada dia, o que há de mais moderno não só em tecnologia, mas em sua aplicação para tornar mais produtivo também o trabalho dos colaboradores e gestores.

“Tivemos nosso case de sucesso apresentado nos maiores eventos de gestão de processos do Centro-Oeste e Nordeste, o BPM Day Goiás e BPM Day Bahia, res-

pectivamente, além de implantarmos o produto na Confederação Nacional da Indústria (CNI) e, em Goiânia, na Flávio’s Calçados, líder do segmento no Estado, entre outras organizações”, conta o gerente de TI, Joel Matos, que estima ampliar consideravelmente o leque de clientes em 2020 dado o sucesso da aplicação do produto.

Os bons resultados surgiram já no primeiro ano em que o IEL Goiás desenvolve consultoria para aplicação do RPA, que contempla diagnóstico, planejamento, implementação, implantação, treinamento e suporte para soluções de automação robótica de processos. O piloto foi desenvolvido na área de estágio do instituto, que teve um aproveitamento de cerca de 50% na eficiência do processo



MEU NOME É ARIEL!
Bons resultados surgem já no primeiro ano em que o IEL Goiás desenvolve consultoria para aplicação do RPA

– internamente, o robô foi batizado pelo nome ARIEL (Assistente Robotizado do IEL), desenvolvido em parceria com a Drasi Inteligência de Negócios.

No início, a redução do retrabalho era de 20%, liberando quase 200 horas/mês de trabalho dos cinco colaboradores da área envolvidos – atualmente, a eficiência do processo mais que dobrou. Desde então, mais processos foram implantados na área, entre eles, a plataforma de gestão de força de trabalho robótica, o que permite monitorar os resultados das atividades realizadas pelos robôs em tempo real.



“Após o incremento de RPA na área de estágio do IEL, houve ganho de cerca de 50% na eficiência do processo robotizado. O tempo otimizado permitiu aos colaboradores desempenharem novas tarefas voltadas para a análise de dados, gerados pelo próprio robô, que permitiu o início de um ciclo de melhoria contínua focado na melhoria do atendimento ao cliente e na otimização de outros processos”, avalia o gerente de soluções do IEL Goiás, Valdoílo Damasceno.

Desde o início do processo no IEL, nenhum colaborador da área de estágio

foi desligado da empresa por consequência da implantação do robô. “A tecnologia vem substituir o homem em tarefas repetitivas e maçantes, liberando o ser humano para agir como tal, pensando e contribuindo com seu conhecimento. A transformação digital não é um movimento tecnológico, mas a forma como lidar com o cliente e os colaboradores. É uma transformação muito mais cultural, que digital. Para haver mudança cultural, é necessário ter pessoas engajadas nisso. A tecnologia é apenas um apoio”, frisa Valdoílo Damasceno.



► **Joel Matos: case de sucesso** apresentado em grandes organizações

ARIEL vira TCC nota 10 na PUC Goiás

O RPA do IEL Goiás faz sucesso não apenas entre empresas clientes, parceiros e regionais pelo Brasil em 2019. O produto foi objeto de estudo também no mundo acadêmico, tornando-se tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na PUC Goiás.

Estagiária do Núcleo de Relações com o Mercado, na Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), a formanda em Administração Etienne Rodrigues da Silva de Paiva desenvolveu seu TCC com o tema Inteligência Artificial e Robótica Aplicadas no IEL Goiás. Ao final da apresentação de seu trabalho, Etienne recebeu nota 10 da banca avaliadora.

O projeto consistiu em um estudo de caso, que teve como objetivo conhecer como é a aplicação do RPA na empresa, ve- ►

Sérgio Lessa



▶ **Etiene Rodrigues, autora de TCC nota 10: tecnologia reduz custos e diminui falhas em processos**

rificar as vantagens e desafios da utilização da Inteligência Artificial e da Robótica na realização dos processos do IEL, além de entender o impacto que a utilização dessa tecnologia poderia causar na empregabilidade do instituto.

“Essa tecnologia possibilita às empresas incrementar uma capacidade enorme de reduzir custos e diminuir falhas em seus processos, além de trazer qualidade nos serviços e nos produtos oferecidos por elas”, explica a recém-formada administradora.

Segundo Etiene, a ideia para o TCC surgiu por meio de uma indicação de um colega de trabalho, que falou sobre o robô ARIEL, que cuida dos processos de estágio do IEL. Ela contou com auxílio do gerente de TI, Joel Matos, e da assistente de estágio, Kimberly Farias.

“Foi uma experiência incrível para mim, pois tive a oportunidade estar em contato com uma tecnologia de tamanho potencial que é a do robô ARIEL para o mundo dos negócios, na qual sou muito interessada”, destaca Etiene. “E por meio do trabalho, pude ter a dimensão da importância da tecnologia para o sucesso nas organizações, além de ter um resultado positivo na universidade também. Sou extremamente grata pelo IEL ter me permitido viver isso”, salienta Etiene, que após o fim de seu estágio, em dezembro, foi contratada pelo Senai.

O QUE É RPA?

Robotic Process Automation é uma tecnologia para automatizar processos de negócios. É uma força de trabalho de robôs (software) que imita o comportamento humano para realizar tarefas rotineiras e de grande volume de uma organização.

As empresas brasileiras ainda estão buscando uma estruturação básica e madura necessárias para aportar o big data e a inteligência artificial. O RPA é um caminho para esse processo e cada vez mais companhias devem utilizar o recurso nos próximos anos. Mais da metade das empresas, em todo mundo, já está conduzindo ações voltadas à robotização de processos.

Segundo pesquisa encomendada pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban), em 2019, o RPA está entre as cinco principais tecnologias mais utilizadas pelos bancos.

Os processos autônomos não são novidade nas linhas de produção das indústrias mundo afora. Entretanto, os robôs já chegaram aos escritórios e estão “sentados” na frente dos computadores para desempenhar atividades repetitivas e sequenciais com maior velocidade e assertividade que os seres humanos.

Na prática, o robô é programado para realizar atividades processuais da empresa de acordo com sua necessidade – verificação de notas fiscais recebidas, emissão de contratos etc. A tecnologia que roda na área de Desenvolvimento Profissional do IEL – também está sendo implantada em outras áreas do Instituto e em organizações públicas e privadas de Goiás – viabiliza a assinatura eletrônica de documentos para processo de efetivação de Termo de Compromisso de Estágio (TCE). ■



▶ **RPA está entre as cinco principais tecnologias mais utilizadas pelos bancos**

▶ **Vitória Gonçalves, do Sesi Catalão,** recebe premiação da diretora Aliana Calaça e do presidente da Fieg, Sandro Mabel



Da sala de aula para casa: alunos do Sesi reduzem conta de água em mais de 70%

Mobilizados pela Campanha Água na Medida Certa, estudantes e familiares dão exemplo de ações de preservação dos recursos hídricos e, como prêmios, ganham bolsas de estudos por seis meses

Economia de 50,70%, 53,7% e até 74,56% no consumo de água foi o que conseguiram alunos do ensino fundamental e médio de escolas do Sesi Goiás e seus familiares, durante o 2º Concurso Água na Medida Certa – Prêmio Ideias Inovadoras Sustentáveis, que mobilizou unidades escolares durante quase um ano – entre fevereiro e novembro de 2019. Encerrada em fevereiro, a campanha contemplou com seis meses de bolsas de estudo integral Vitória Gonçalves, do Sesi Catalão, no alto do pódio; Maria Luisa Novais, do Sesi Planalto, em 2º lugar; e Marcos Farias Pimentel, da Unidade Integrada Sesi Senai Rio Verde, 3º colocado.

.....
Daniela Ribeiro
 Fotos: Alex Malheiros

As boas práticas adotadas por eles consistem em atitudes simples e conhecidas, porém eficientes, como reduzir o tempo no banho, usar moderadamente a torneira ao lavar as louças sujas e reaproveitar a água da chuva para limpar a casa.

A premiação foi entregue em evento no Sesi Planalto, em Goiânia, oportunida-

de em que a instituição da indústria lançou a terceira edição do concurso. “Vocês alunos estão aqui para aprender e estão dando lições de conhecimento ao compartilhar ideias com seus pais, irmãos, familiares em geral”, disse o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e diretor regional do Sesi, Sandro Mabel.



► **Maria Luisa Novais, do Sesi Planalto, 2ª colocada**, com o pai, Sebastião Neto, os diretores Paulo Vargas e Rogério Viana (Sesi e Senai) e o empresário Jaime Canedo



► **Marcos Farias Pimentel, da Unidade Integrada Sesi Senai Rio Verde, fechou o pódio do Água na Medida Certa**, ao lado da mãe, Marta Pimentel, do diretor Hélio Santana e do vereador Gustavo Cruvinel (esquerda)

De caráter educativo, a campanha é destinada a sensibilizar pais, alunos e comunidade escolar sobre o uso consciente dos recursos hídricos, especialmente diante da escassez que todos os anos atinge o Estado e várias regiões do Brasil.

Grande vencedora do concurso, Vitória Gonçalves, de 17 anos, do 2º ano do Ensino Médio Articulado com a Educação Profissional (Ebep), do Sesi Catalão, mora em uma residência com outras três pessoas. Para atingir o índice de redução de 74,56%, segundo ela, toda a família passou a reutilizar a água da máquina de lavar para limpar a casa, o tempo do banho foi reduzido de 40 para 10 minutos. Na pia, abrir a torneira só depois de ensaboar todas as vasilhas sujas. Com a bolsa integral, Vitória vai conseguir economizar 455 reais por mês e pretende comprar uma motocicleta. “Vou fazer 18 anos este ano e já poderei conduzir. Valeu muito a pena economizar e pretendemos continuar com esse hábito lá em casa.”

Campanha mobiliza mais de 6 mil estudantes e repercute na Câmara

O Concurso Água na Medida Certa envolveu no ano passado 910 famílias de 17 escolas do Sesi em Goiás. Além de estimular a redução do valor na conta de água, a iniciativa desenvolve diversas outras ações educativas, que tiveram a participação de 6.640 alunos do ensino fundamental e ensino médio.

Presente no evento de premiação, o vereador Gustavo Cruvinel (PV), presidente da Comissão do Meio Ambiente da Câmara de Goiânia, anunciou intenção de propor homenagem do Legislativo aos alunos. “É uma ação que incentiva crianças a usarem de forma racional a água. Fico emocionado com esse tipo de trabalho. Iremos certificar e premiar essas pessoas que ajudam tanto Goiânia”, disse. ■

O pior já passou e a Fieg confia na Enel, diz Sandro Mabel

Para federação, a Enel está conseguindo cumprir boa parte das metas e, no máximo em três anos, vai conseguir resolver a situação da energia em Goiás

Luciana Amorim e Dehovan Lima
Foto: Alex Malheiros



► Sandro Mabel, em audiência pública em Goiânia sobre a Enel: busca de diálogo e solução à vista

Em audiência pública marcada por ambiente amplamente governista diante do embate sobre a questão energética enfrentada pelo Estado, a Enel Distribuição Goiás contou com respaldo do presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Sandro Mabel, e do senador Vanderlan Cardoso, que defenderam a companhia e reiteraram a necessidade da busca de diálogo para superar as dificuldades.

“A Fieg confia na Enel! O período mais crítico já passou. O momento agora é de mais diálogo. A Federação é proativa, nós auxiliamos a empresa para que ela caminhe, se estabilize e não queremos quebra de contrato”, disse Sandro Mabel, ao prever um prazo de três anos para a Enel regularizar a problemática da energia no Estado.

Para o senador do Partido Progressista (PP), que repercutiu o assunto em suas redes sociais, a audiência pública de Goiânia – realizada dia 15 de fevereiro, na Fundação Tiradentes – foi a “mais prática e proveitosa” de todas das quais participou. “Daqui, com certeza, vamos ter um direcionamento para as nossas soluções”, disse. “É preciso discernimento e moderação nesse momento. Vamos cobrar melhorias, reconhecer o que já foi feito e compreender

que não é momento de ser radical. Goiás só tem a perder com o radicalismo. É preciso garantir segurança jurídica às empresas que querem investir em Goiás”, ponderou Vanderlan Cardoso.

Propositor da audiência, o deputado federal Vitor Hugo, líder do governo na Câmara, atribuiu as muitas reclamações contra a Enel que chegam na Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) a uma “falha de comunicação dentro da empresa.”

Acompanhado de executivos da Fieg, Sandro Mabel ressaltou os esforços para melhoria da qualidade da energia e os vultosos investimentos da companhia para capacitação intensiva de novos eletricitistas, desenvolvido em parceria com o Senai. A título de exemplo, citou a construção de um centro de excelência em treinamento na Faculdade Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, num investimento de R\$ 8 milhões, além de outras sete estruturas em unidades da instituição (Catalão, Anápolis, Niquelândia, Quirinópolis, Jataí, Itumbiara e Aparecida de Goiânia); a certificação, no ano passado, de 2.400 eletricitistas de rede terceirizados da companhia; cursos de gestão empresarial, entre outras ações.

O presidente da Enel em Goiás, José Luis Salas, disse que já foram investidos cerca de R\$ 2 bilhões e a expectativa é de que sejam aplicados mais de R\$ 3,2 bilhões. “É um investimento que está sendo feito, e que será feito, no Estado como um todo. Na Região Norte, por exemplo, temos várias obras para entregar, como em Luziânia, Uruaçu, Formosa, Anápolis, e na Região Sul, em Morrinhos, Iporá, Rio Verde”, afirmou.

“Nem tudo tem sido flores. Temos tido problemas e reconhecemos isso. Novembro foi complicado para nós. Todas essas obras que foram feitas, onde o investimento chega a ser 3,5 vezes maior do que foi investido nos últimos 12 anos antes da compra da empresa (Celg), estão servindo como alicerce para começar a recuperar e estabilizar um sistema elétrico que estava subinvestido há mais de 12 anos. É um processo contínuo que tem que ser feito”, ressaltou. ■

► Irmãos Luciano e Leandro Araujo Carneiro, da Milhão Ingredients: parceria com Instituto Senai em Alimentos e Bebidas ajuda a acelerar planos da indústria, de Goianira



DNA de inovação e grão puro, de Goiás para o mundo

Com fabricação de ingredientes de milho convencional não transgênico de qualidade certificada, a Milhão vende para multinacionais de mais de 50 países, ostenta selos reconhecidos e brilha com sua nova farinha rica em fibras e proteínas, a Fiber Pro, desenvolvida com suporte de consultoria do Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas

Renata Dos Santos
Fotos: Alex Malheiros

Agoiana Milhão, de Goianira, cresceu e agora ganha o mundo acrescida do 'sobrenome' Ingredients, exportando para 50 países seus ingredientes de milho puro livres de transgênicos. Premiada por farinhas diferenciadas e incluída no Innovation Tour da última edição da Food Ingredients South America (Fisa), maior feira de ingredientes da América Latina, realizada em agosto, em São Paulo, a indústria coleciona conquistas de selos e certificações mundiais, como a FSSC 22000, Sedex (plataforma de transparência de dados como qualidade e certificação), o selo GMO Free (indústria livre de transgênicos), Halal Kosher, WGC (Integral), Certificação Orgânico Gluten Free e selo de Alimento Confiável, concedido pelo Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg).

Com inovação no DNA, a Milhão impulsiona seu sucesso com melhorias contínuas em seus processos de produção e de controle de qualidade. Essa postura de aperfeiçoamento incessante, que busca ainda criar produtos para atender a demandas de mercados cada vez mais exigentes, é materializada em parcerias como a mantida com o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas (IST).

Com produção de 30 toneladas por hora, a empresa encanta clientes mundo afora ao garantir o fornecimento de soluções feitas a partir do milho tipo Flint GMO Free. Para manter essa credibilidade, que torna fiel o consumo de seus ingredientes por grandes marcas brasileiras e mundiais, a Milhão garante um produto diferenciado. Isso ocorre graças ao processo produtivo, monitorado desde a seleção de sementes, o plantio do milho (dotado de boas práticas agrícolas) à seleção, limpeza e testes que aprovam a pureza e qualidade GMO Free do milho. Além dos mais de 30 ingredientes de milho flint, a Milhão também fabrica as "pulses", produtos à base de leguminosas como o grão de bico.

Em 2019, o Instituto Senai de Tecno-

logia em Alimentos e Bebidas ofereceu à Milhão suporte na área de metrologia (ensaios de controle de qualidade) e no setor de P&D, com o desenvolvimento de novos produtos. A parceria resultou na criação de uma farinha de milho diferente, rica em fibras e proteínas. Esse trabalho de consultoria, iniciado há dois anos, deve ter continuidade em 2020 rumo a novas conquistas como a estruturação de um departamento de qualidade incrementado com o que existe de mais moderno no setor alimentício mundial, segundo Karolline Fernandes Siqueira, gerente do IST.

Ela explica que a consultoria oferece caminhos possíveis para melhoria da competitividade com técnicas de melhor preparo da equipe técnica, desenvolvimento de documentos, implantação e implementação de normas. "A partir das visitas de nossa equipe multidisciplinar, diagnosticamos e identificamos necessidades que nem sempre são visíveis aos olhos do empresário, mas são exigências de cliente de dentro e de fora do Brasil. Tais clientes não estão dispostos a comprar produto que lhe ofereça riscos," ressalta.

Reconhecimento à consultoria do Senai

Os irmãos Luciano e Leandro Carneiro, diretores que em 2002 fundaram a Milhão em Inhumas, deram o salto visionário que culminaria em uma indústria modelo de padrão internacional. Em 2017, os empresários inauguraram a planta da nova fábrica na vizinha Goianira, na Região Metropolitana de Goiânia, onde ocupa 145 mil m² (mais de 20 mil m² de área construída), com equipamentos de tecnologia de ponta e conta com mais de 350 funcionários. "Foi quando nos posicionamos em produzir o melhor milho não transgênico. O governo tinha liberado os transgênicos no Brasil e foi preciso escolher de que lado ficaríamos, já que a demanda crescia por alimentos não transgênicos," conta Luciano. Ele acres-

INOVAÇÕES PREMIADAS

Após a Food Ingredients South America (FISA), realizada em agosto de 2019 em São Paulo, a Milhão recebeu o prêmio Estrelas da FISA 2019, concedido pela revista Aditivos e Ingredientes por meio de voto de seus assinantes, por lançar seus novos ingredientes de milho da linha premium e as proteicas pulses de ervilhas, lentilhas e grão de bico. Num estande de 54 metros quadrados, os visitantes conferiram produtos como a Fiber Pro, de alto nível proteico, desenvolvida na parceria com o IST, e ainda a Breaded Mix, farinha para empanar que não contém glúten; a Fibra Mix, fibra de milho com apelo funcional; a Masa Flour, ingrediente de milho com valor nutricional usado em chips e snacks; e a Farinha de Arroz, excelente fonte de energia.

A matéria-prima produzida pela Milhão é carregada de valor agregado para a saúde do ser humano e de animais, pois conta com uma linha para nutrição animal. Produtos famosos nas prateleiras dos supermercados são petiscos à base de milho, como salgadinhos crocantes, além de canjicas, pipocas doces, snacks (gweets), cervejas, entre outros. Um exemplo da sustentabilidade da indústria em seus processos é a utilização do sabugo de milho que dá origem ao Sabimix, elemento filtrante utilizado por indústrias de medicamentos e de bebidas.



► **Mix de produtos da Milhão**
Ingredientes: selos e certificações mundiais garantem credibilidade no mercado das diversas soluções feitas a partir do milho

centa que a empresa passou a vender não apenas ingredientes individualizados do milho para clientes exigentes de todo o mundo, mas a oferecer produtos agregados de uma saudabilidade que era atestada por certificações internacionais como a FSSC 22000, conquistada em 2015.

O certificado que garante a qualidade do produto é mantido desde então, mediante aprovação da Milhão em auditorias e inspeções anuais. Luciano explica que a consultoria com o Senai e as auditorias dos órgãos certificadores são essenciais para manter o padrão de qualidade de produtos e processos. “A gente aprende sempre. Recentemente visualizamos 11 oportunidades de aprimoramento. Nenhum empresário precisa buscar consultoria fora de Goiás, percebi isso ao conhecer, primeiro por uma palestra, o programa oferecido pelo Senai”, contou.

Luciano Carneiro reforça que para se manter no mercado não basta apenas afirmar que oferece produtos de qualidade mesmo em um segmento com problemas e crises bem menores que em outros setores e com boas perspectivas para 2020. Ele acredita que o diferencial de sua empresa está na capacidade de poder provar que seu produto realmente é puro e saudável. “Aqui estamos livres de micotoxinas como a temida fumonisina, somente aceita em níveis considerados baixos e por meio de um controle rigoroso, para não comprometer o alimento feito pelo cliente a partir de nossa matéria-prima”, enfatiza.

Inovação e qualidade – Leandro Carneiro complementa que a Milhão sempre teve um espírito inovador e buscou levar soluções de qualidade e de valor a seus clientes. “Trabalhamos muito para garantir o melhor dentro desse mercado exigente e contamos com parceiros estratégicos que nos tornam mais competitivos”, destaca o diretor. Ele ressalta que a participação na Fisa 2019 foi exitosa pois nela a Milhão demonstrou preparo e mostrou produtos novos para



► **Deuzely Aparecida do Carmo, gerente de Qualidade:** consultoria do Senai, além de dar o suporte técnico para a gestão de qualidade de processos e equipamentos, valida rotinas da empresa que devem manter seu padrão diário de regras, normatização internacional, segurança e otimização

▶ **Alexsander Roberto da Costa**, coordenador de P&D da Milhão, e a analista de laboratório **Denise Gomes de Freitas**: Fiber Pro, nova farinha de germe de milho, é fruto da corrida para inovar sempre, desenvolvida a partir da parceria com o Senai



▶ **Jéssica Nathany de Oliveira e Luana Bárbara Fernandes**, analistas de Gestão da Qualidade, foco de atenção especial na Milhão Ingredients

um mercado em expansão. Para ele, o evento tinha cheiro de saudabilidade e busca por inovação. Na feira, a Milhão foi

incluída no Innovation Tour, que levou ao estande vários clientes.

Alexsander Roberto da Costa, engenheiro de alimentos e coordenador de P&D, exemplifica que uma das apostas recentes, fruto dessa corrida para inovar sempre desenvolvida a partir da parceria com o Senai, foi a Fiber Pro. Trata-se de uma nova farinha de milho, mais rica em fibras e nutrientes, com alto valor proteico, além de ser glúten free. Os setores de panificação e de produtos de suplementação alimentar comemoram a chegada do produto, que se destaca ainda por características como maior índice de umidade e de gordura “boa” para o coração, capaz de combater o colesterol ruim.

Ele acrescenta que, durante a parceria com o Senai, foram realizados ainda testes como o shelf of life, que garante a vida útil do produto e determina sua validade para o cliente. As análises laboratoriais são realizadas na torre industrial de sete andares que abriga a equipe multidisciplinar de

técnicos da empresa. Diariamente dezenas de caminhões chegam com grãos produzidos em propriedades rurais de Goiás e Mato Grosso.

Ainda nas lavouras têm início os testes de qualidade. Dentro da plantação, agrônomos da Milhão fornecem as sementes, assistência técnica e manejo adequado desde o plantio até a colheita dos grãos, inspeção que continua durante as práticas produtivas. Dos silos – cinco com capacidade para 3.300 toneladas –, os grãos passam pela torre para beneficiamento e produção de mais de 30 ingredientes, seguindo para o ensaque. De lá saem frotas diárias rumo a capitais e portos de todo o País.

Baby food – Para atender às exigências de multinacionais como as do segmento baby food, a Milhão possui um silo destinado somente ao recebimento de matéria-prima para venda a fabricantes de alimentação e suplementos para essa categoria. Trata-se de milho de alta qualidade exigida pelos fabricantes de alimento para recém-nascidos e, por isso, deste depósito, saem os grãos para fabricação da farinha usada para produzir papinhas e fórmulas infantis.

A engenheira de alimentos Deuzely Aparecida do Carmo, gerente de Quali-

dade, avalia que a consultoria do Senai, além de dar o suporte técnico necessário para a gestão de qualidade de processos e equipamentos, valida as rotinas da empresa que devem manter seu padrão diário de regras, normatização internacional, qualidade, segurança e otimização. “Realizamos o Dia da Qualidade, que contou com o envolvimento de todos os funcionários em suas mais variadas funções, por meio de atividades de sensibilização, capacitação e treinamentos”, conta. Ela define os colaboradores da indústria como uma equipe qualificada MDM (melhores do mundo), para que o produto seja cada vez mais aperfeiçoado às necessidades do cliente.

Geandra Fialho da Costa, coordenadora do IST, lembra que a realização do Dia da Qualidade na Milhão contou com dinâmicas de atividades lúdicas e teóricas. “Repassamos várias normas exigidas para que sejam mantidos os selos de certificação internacional tão valorizados para o cliente na hora de escolher de quem vai comprar sua matéria-prima. Ela acrescenta que foram revisados quesitos como higienização, segurança, qualidade do ar, entre outras que reforçaram junto aos colaboradores a importância de manter sempre o padrão em suas rotinas diárias. ■



► **Fim de mais um ciclo:** concluintes de nova etapa do Procompi em Goiás exibem certificados, ao lado de gestores da Fieg, do Sebrae, do Senai e IEL. Programa alcança 64 empresas de panificação, retíficas e alimentação, com foco no aumento da competitividade

PROCOMPI

O que panificação e reparação de veículos têm em comum? Boas práticas e gestão

Em nova etapa, Procompi contribui para qualificar empresas no controle de alergênicos na área de panificação e na melhoria de gestão no setor de reparação automotiva

Lauro Veiga Filho
Fotos: Alex Malheiros

As indústrias de panificação e de reparação de veículos da Região Metropolitana de Goiânia foram os alvos mais recentes do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), desenvolvido em parceria entre Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fieg

e Sebrae Goiás. Os objetivos foram qualificar empresas e funcionários, no primeiro caso, para práticas de controle de alergênicos no processo de produção e, no segundo, para modernização de processos de gestão, controle, padronização e qualificação de serviços.

A tradicional Vovó Nice Salgados, ins-

talada no Conjunto Oásis, no bairro Jardim América, em Goiânia, preparou toda sua equipe, alterou embalagens, aprimorou processos e desenvolveu uma linha inteiramente nova de produtos durante sua primeira participação no Procompi. A aproximação da empresa com a equipe que desenvolve o Procompi e os primei-



ros contatos foram feitos com a intermediação do Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg), relembra Leonice Baiocchi Cunha, dona do negócio. O início do programa, concluído no final de 2019, ocorreu entre julho e agosto do ano passado.

“Antes disso, tínhamos participado apenas do programa Brasil Mais Produtivo”, afirma Leonice. Coordenado pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), o programa é realizado em conjunto pelo Senai, pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O objetivo, neste caso, é aumentar a produtividade de processos produtivos das empresas

participantes com aplicação de medidas de baixo custo e alto impacto.

A edição recém-concluída do Procompi, por seu turno, teve o objetivo de promover boas práticas de fabricação e adequação de processos e de produtos às exigências de controle de alergênicos na produção na indústria de panificação. “Mudamos todas as embalagens e adequamos nossos processos para evitar a contaminação cruzada por alergênicos”, relata Leonice. A empresa fornece salgados prontos para colégios, lanchonetes e outras panificadoras, além de produzir salgados congelados para supermercados, incluindo as redes Carrefour e Atacadão, clubes, lojas de conveniência e faculdades nas regiões de Goiânia, Itumbiara, Morrinhos, Goiatuba, Itaberaí, Itauçu, Indiará e Anápolis.

Como parte do programa, detalha Leonice, foram realizadas duas rodadas de treinamento e capacitação envolvendo 43 funcionários das áreas de produção, expedição e higienização. A cada lote de produtos fabricados, prossegue ela, a mesa de preparo e todo o maquinário passam por sanitização integral. Além disso, a empresa passou a produzir uma linha fitness de salgados, que incluiu a troca de manteiga por azeite no processo de preparo.

“O Procompi contribuiu muito, especialmente em nossa linha de produtos saudáveis, que envolve a produção de empadas sem farinha de trigo”, observa Leonice. Nesta linha, a panificadora utiliza batata doce, abóbora e cenoura na preparação da massa, que leva recheios à base de brócolis, queijo cottage e requeijão light, carne bovina e frango. A empresa estreou igualmente no segmento de e-commerce, para ajudar a alavancar as vendas. “O principal ganho é na transparência, porque o cliente consegue saber como todos os produtos são feitos, os controles que adotamos, assim como tem a visão de nosso comprometimento com a clientela e o engajamento de nosso pessoal”, afirma ainda a empresária, lembrando que a empresa trabalha com 38 tipos de salgados.

A Vovó Nice espera começar a explorar o mercado internacional nas próximas semanas.

Segundo Leonice, a empresa foi qualificada e já está cadastrada pela Apex e espera a manifestação final do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) sobre a marca que será utilizada na exportação – Nona Salatini. “Solucionando a questão da marca, já podemos começar a exportar”, diz ela.

Benefícios para a empresa e funcionários

Num investimento de aproximadamente R\$ 1,0 milhão, a Dellicata instalou sua segunda unidade em outubro do ano passado na Avenida T-2, no Setor Bueno. A empresa, com sede na Avenida São Luiz, no Setor Moinho dos Ventos, celebrou seu sexto aniversário em janeiro deste ano, conta Fábio Avelar dos Santos, um dos sócios do negócio. “Decidimos investir numa fase de crise na economia para sairmos mais fortes e podermos acompanhar a retomada econômica mais adiante”, sustenta Avelar.

Em meio ao investimento e à inauguração da nova loja, a empresa dedicou tempo e esforços para aderir ao Procompi, com a aproximação providenciada pelo Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão). “Resolvemos participar do programa, iniciado em abril do



► **Fábio Avelar dos Santos:** “Decidimos investir numa fase de crise na economia para sairmos mais fortes e podermos acompanhar a retomada econômica mais adiante”

ano passado, e isso foi de suma importância para a empresa, trazendo melhorias para a loja”, ressalta o empresário. Sob treinamento, o corpo de funcionários – em torno de 70 apenas na loja do Moinho dos Ventos (a unidade do Setor Bueno emprega outras 42 pessoas) – ganhou capacitação e foi possível ainda reduzir a rotatividade.

Num balanço preliminar, foram criados dois produtos novos e implantados ou aperfeiçoados nove processos, com capacitação ainda de 12 pessoas em gestão da inovação, tornando-as capazes de desenvolver projetos nesta área. O espaço da lanchonete foi reformulado, houve ainda a definição de multiplicadores de processos no mesmo setor e a padronização de produtos (incluindo macarrão, omelete, tapioca e caldos). A confeitaria foi incrementada com o desenvolvimento de novas receitas de pães e tortas e com a contratação de um técnico e de um novo chef de cozinha, focado na padronização dos pratos. A logomarca ganhou um desenho novo e mais moderno e os funcionários tiveram uniformes remodelados. O projeto envolveu também o desenvolvimento de nova política de marketing digital focada em mídias sociais e, mais especialmente, no Instagram.

A Dellicata criou um programa de benefícios para os empregados, proporcionais ao tempo de trabalho, que se somaram ao seguro de vida já garantido pela convenção coletiva. Num primeiro momento, a empresa ofereceu um plano de saúde opcional e, na sequência, passou a distribuir cestas básicas condicionadas a uma avaliação de desempenho de cada funcionário. Num terceiro passo, a Dellicata desenhou um plano de cargos e salários, modernizou a gestão e implantou o cargo de supervisor, como forma de reduzir a sobrecarga dos gerentes.

O próximo projeto deverá envolver investimentos na reforma da unidade do Moinho dos Ventos ainda neste primeiro semestre. A depender do projeto a ser definido, Avelar estima que a reforma deverá exigir um desembolso próximo a R\$ 500,0 mil, com recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO). Depois de aumentar



► **Vilma Domingos, gestora do Procompi na Fieg, faz balanço do último convênio: qualificação de 1.200 pessoas e criação de mais de 300 produtos, serviços e processos, além de presença no interior**

seu faturamento em torno de 8,0% no ano passado, Avelar programa um incremento de 25% para 2020.

Espaço para mais mudanças

Já há alguns anos, a Helcar aderiu ao Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa). Em seguida, iniciou processo de reorganização, como parte de uma estratégia definida por seus sócios – os empresários Roberta de Almeida Guerra e Edivaldo Rodrigues Vaz – para promover a atualização tecnológica da empresa, especializada na prestação de serviços mecânicos (suspensão, injeção eletrônica e toda a parte elétrica de veículos em geral, excluindo lanternagem e pintura, terceirizadas pela empresa).

Mais recentemente, o projeto foi acelerado com a decisão da empresa de participar do

Procompi destinado à indústria de reparação de veículos, ramo explorado pelo casal há 30 anos, dos quais 25 sob a marca Helcar. O programa teve como foco a gestão financeira e de pessoal, a reorganização e padronização de processos. “Já foi possível alterar muita coisa, mas ainda percebemos que há espaço para novas mudanças e, por isso, gostaríamos de continuar no programa”, comenta Roberta.

Entre outros resultados relevantes, ela afirma que a empresa conseguiu estabilizar sua situação financeira, equilibrar as contas e sair do vermelho, voltando a registrar números positivos em sua conta de resultados. Atualmente com seis funcionários, de acordo com Roberta, a Helcar teria ainda que “mexer em muitas coisas, mas principalmente na área de recursos humanos, na qualidade da mão de obra, no relacionamento com os empregados e na melhoria da estrutura de forma a alcançar melhor gestão de pessoal”.



► **Wanderson Henrique Gomes:** “O programa permitiu que a empresa passasse a ter uma visão mais clara de seus números”

Metas e resultados no visor

A participação no Procompi trouxe vantagens também para a Rivel, empresa da área de reparação de veículos especializada em funilaria e pintura, há 21 anos no mercado. “O programa permitiu que a empresa passasse a ter uma visão mais clara de seus números. Estávamos trabalhando até então praticamente no escuro, sem enxergar números, metas e resultados”, sustenta Wanderson Henrique Gomes, proprietário da empresa e diretor do Sindirepa.

Depois de integrar o programa, a Rivel

conseguiu fixar metas para receitas e resultados, definir política de precificação de serviços e ainda uma previsão para a evolução da carteira de clientes em 2020. “Apesar de a economia não estar ajudando, temos muita confiança num crescimento de 30% em nosso faturamento ao longo deste ano”, aposta o empresário. O avanço, sustenta ainda, deverá ocorrer sem aumento correspondente no número de clientes, mas com melhoria no ticket médio. “Se houver uma virada para melhor na economia, então, esse número poderá crescer ainda mais”, acredita ele.

A Rivel reformulou seu sistema de ges-

tão, apostou no treinamento de pessoal e na substituição de funcionários (hoje são 26 no total, de acordo com Gomes). “Já começamos a notar mudanças dentro da empresa, que passou a operar com custos mais baixos e melhoria na receita. Neste ano, teremos novas mudanças, a começar por um novo layout na linha de produção, que deverá melhorar o fluxo de veículos no espaço da oficina, além de mudanças no piso e alguns outros investimentos já programados”. De acordo com ele, num levantamento realizado já alguns meses e sujeito, portanto, a alterações, o investimento está previsto em praticamente R\$ 35,0 mil em 2020. A empresa mantém credenciamento em dez companhias de seguros, para as quais presta serviços de funilaria e pintura. ■



“Toda vez que reunimos forças, os resultados são melhores. E o Sebrae vem contribuindo com essa jornada, sendo parceiro da iniciativa. Estamos finalizando o Procompi, mas não o nosso relacionamento. Contem conosco!”

CAMILA COSTA, gerente executiva de Atendimento do Sebrae Goiás

Empresário

Resolva seu conflito judicial com a ajuda da 6ª Corte de Conciliação e Arbitragem de Goiânia.

99%
de acordos realizados
com sucesso.

(62) 3216-0441

6ª CCA
6ª Corte de Conciliação e Arbitragem

FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1.121 – Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria – Goiânia-GO, CEP: 74645-230

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Olavo Martins Barros
 Fone: (62) 98458-9648 / 98212-9513
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás
Presidente: Mário Arruda
 Telefone (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
 Fone/Fax: (62) 3501-0062
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: Célio Eustáquio de Moura
 Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
sindcel@sindcel.com.br

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
 Fone: (62) 3501-0062

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Antônio Benedito dos Santos
Diretora executiva: Denise Resende
 Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@siaeg.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: Jerry Alexandre de Oliveira Paula
NOVO ENDEREÇO
 Telefone: (62) 99968-4302.
siagoarroz@hotmail.com

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
 Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF
Presidente: José Antônio Vitti
 Fone/Fax (62) 3223-6667
sinncalg@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins
Presidente: Leandro Luiz Stival Ferreira
 Fone: (62) 3212-3794
sindicarnegoias@gmail.com

SINDCURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: Emílio Carlos Bittar
 Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
 Fone: (62) 98109-8608
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Alcides Augusto da Fonseca
 Fone (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sindleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Bruno Franco Beraldi Coelho
 Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Marcos André Rodrigues de Siqueira
Presidente executivo: Luiz Gonzaga de Almeida
 Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
 Telefone: (62) 98436-1724
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Jaques Jamil Silvério
 Fone (62) 3224-4253
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
 Fone/Fax: (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Marcus Brandão de Lima e Silva
 Fone: (62) 3213-0378
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Luiz Antônio Vessani
 Fone: (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
 Fone: (62) 3223-6515
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Sílvio de Sousa Naves
simelgo@sistemafieg.org.br
 Fone/Fax: (62) 3224-4462
simelgo@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jair José de Alcântara
 Fone (62) 3212-3794 e 9230-1812
sindquimica@gmail.com

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Nicolas Lima Paiva
 Fone:(62) 99954-6101
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: Sérgio Scodro
Presidente-Executivo: André Lavor P. Barbosa
 Fone: (62) 3224-4253
sindtrigo@gmail.com

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
 Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
sifaeg@terra.com.br

OUTROS ENDEREÇOS

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto
 Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
 CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
 Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Bilemjan Filho
 Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
 CEP 74120-110 - Goiânia- GO
 Fone: (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
 Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
 CEP 74180-160 - Goiânia - GO
 Fone/Fax: (62) 3088-0877 e (62) 3202-5567
sinroupas@yahoo.com.br

SEDE ANÁPOLIS

Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer

Rua JM-16, Quadra 52, Lote 22, Setor Sul Jamil Miguel - Anápolis-GO - CEP 75124-200
 Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
 E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira
sindalimentos@sistemafieg.org.br

SINDUSCON ANÁPOLIS

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Anastácio Apostolos Dagios
www.sindusconanapolisgo.com.br

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Laerte Simão
Presidente executivo: Itair Nunes de Lima Jr.
sindicargo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi
siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marcelo Reis Perillo
Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga
simmea@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

MOVA-SE JUNTO COM O SESI.



sesigo.org.br

Esportes e atividades físicas SESI.
A melhor hora do seu dia.

**ASSESSORIA ESPECIALIZADA NA CAPTAÇÃO DE CRÉDITO
A EMPRESAS DE MÉDIO E GRANDE PORTE**



Imagem real

CASES RECENTES DE SUCESSO



www.projeto.ecn.br